



**LOROTAS
E PABULAGENS DE
ZÉ ROTINHO**

JOÃO NONON DE MOURA FONTES IBIAPINA

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
João Figueiredo

MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Esther de Figueiredo Ferraz

PRESIDENTE DO MOBRAF
Claudio Moreira

SECRETÁRIO EXECUTIVO DO MOBRAF
Terezinha Saraiva

LOROTAS
E PABULAGENS
DE ZÉ ROTINHO

I

LIVRO CÓDIGO 431
BIBLIOTECA JANE D'ARAUJO

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pela Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização. DIMAP/SEDIN)

I13 Ibiapina, João Nonon de Moura Fontes
Lorotas e pabulagens de Zé Rotinho. Rio de Janeiro, MOBRAL, 1982.
59 p. 22 cm.

Concurso MOBRAL de Literatura - Crônicas e Contos - 1979.

1. LITERATURA BRASILEIRA. 2. CRÔNICAS. 3. CONTOS. I. Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização. II. Título.

82-5

CDU: 82-94(81)
CDD: B 869

II.

— João Nonon de Moura Fontes Ibiapina —

LOROTAS
E
PABULAGENS
DE
ZÉ ROTINHO

Concurso
MOBRAL
de
Literatura
- Crônicas e Contos -
1979

— Editado e Impresso pelo MOBRAL —

Copyright (c) 1982
João Nonon de Moura Fontes Ibiapina

Produção editorial
e gráfica:
MOBRAL
Departamento de Comunicação/DECOM
Divisão Editorial/DIEDI

Este livro foi premiado no Concurso
MOBRAL de Literatura – Crônicas e
Contos, instituído em 1979, juntamente
com as obras: *Pelos Garimpos de Mato
Grosso*, de Ismael Garcia do Valle;
Flauta de Bambu, de Haroldo
Maranhão; e *Olho por Olho, Dente
por Dente*, de Elias José.

Todos os direitos desta edição reservados a Fundação Movimento Brasileiro
de Alfabetização – MOBRAL.

SUMÁRIO

<i>Rezas-fortes</i>	1
<i>Caçada de marreca</i>	5
<i>Vaqueiro de fama</i>	9
<i>Leitões de óculos</i>	13
<i>Mestre Cambute</i>	15
<i>Fantasia e marmotas</i>	19
<i>Proezas de agilidades</i>	23
<i>Tempo de fartura</i>	25
<i>Terra rica</i>	29
<i>Primeiro sem segundo</i>	33
<i>Caçadas de abelha</i>	37
<i>Gata sabida</i>	41
<i>Cururu caçador</i>	45
<i>Fôlego de sete gatos</i>	51
<i>Ludgero Defunto-Lavado</i>	55

REZAS-FORTES

Aquela roda de palestra na ponta do terreiro e Zé Rotinho debulhando suas estórias:

— Sobre rezas-fortes, eu podia passar a noite narrando casos e mais casos por cima de casos pra vocês. Nem assim chegava nem perto da metade das coisas que conto de vista no ramo. Começo por Américo. Negro velho trubufu, do tempo da Escravidão. Saber de rezas daquele jeito, estou por ver outro. Rezas-de-socorro pra tudo o quanto — dor de cabeça, erisipela, espinhela caída, quebranto, sol-na-cabeça, ofendido-de-cobra, doença-dor, antraz, osso quebrado, nervo torto, carne rangida e tudo o mais.

— De sol-na-cabeça nunca ouvi nem falar.

— Esse povo novo não sabe mesmo dessas coisas. Mas é verdade. Quando a pessoa pega um calor muito grande, é caroável sol entrar no caco. Aí vem aquela dor de cabeça de lascar. E outro remédio não há, senão reza. Certo tempo (salvo o engano na era dos dois noves) apareceu por aqui um calor nunca visto. Ao meio-dia, a gente botava uma chaleira no terreiro e, dali a pouco, a água estava fervendo. Pra cozinhar ovos, passar café e até mesmo fazer determinadas comidas, não se gastava lenha. Mas aí apareceu muita gente com sol-na-cabeça. Não fosse o velho Américo, não sei que seria. Cansei de ver o negro velho rezando em gente achacada de sol-na-cabeça. Ele pegava uma garrafa com coisa de pelo meio de água. Aí colocava a boca da garrafa na cabeça da pessoa. Então ia fazendo aquelas bolhas subindo e borbulhando na garrafa. Aquilo era o sol que ia saindo. Isto no meio do terreiro, o doente sentado numa cadeira, sem cruzar pernas nem braços. Quando terminava a tal reza, era uma vez a doença.

— Ele alguma vez tirou sol da cabeça do senhor?

— Não. Mas pra dor de dente, não sei quantas vezes rezou em mim. Eu era molecote, mas me lembro bem. Um dia (eu já rapazinho) o diacho dum dente queiro danou-se pra doer. Remédios, mesmo que água do pote. Raspa de unha, sarro de cachimbo, água morna com sal e até piolho enrolado em algodão botei nele. Mesmo que nada! Depois de muitas noites sem pregar os olhos, me deliberei. Fui me ter na casa do velho. Ele pegou um ramo de mata-pasto e começou a fazer cruces em meu rosto com ele, e rezando e se benzendo e rezando. Mal o velho terminou de rezar, era uma vez uma dor de dente. E o que mais me admirou foi que aquelas folhas estavam estorricadas de tão secas. Aí ele riscou um palito de fósforo e tocou fogo nelas. Eu fui e lhe perguntei pra que aquilo. Ele me respondeu que porque ramo bento com reza-de-socorro não pode ficar aí no chão pra ser pisado por gente, por pecador. Se tal acontecer, nunca mais que reza nenhuma daquele rezador produz efeito.

— E a dor passou mesmo?

— Não é nem pergunta que se faça! E com mais um porém: nunca mais que tal dente me deu o menor aborrecimento. Dente rezado pelo velho Américo não doía mais nunca.

— Então seria mais fácil ele rezar em toda a dentadura da pessoa, porque ficava livre de dor de dente para o resto da vida.

Você pensa. Reza em dente bom não produz efeito para o futuro. Reza não é brincadeira, especialmente reza-forte. Só deve ser usada na hora necessária.

— Mas quer dizer que o dente rezado por ele nunca mais doía?

— Nunca mais! Pra dizer a verdade, alguns casos se deram ao contrário. Mas aí ele usava o último apelo — a reza de mostrar a raiz do dente ao sol. Esta não era com ramo. Ele colocava apenas o dedo cata-piolho sobre a dor e mandava a pessoa abrir bem a boca, pra evitar o dente cair no goto.

— Cair no goto, por quê? !

— Ora conversa de por quê! . . . Quando começava a reza, o dente saltava bem acolá. Certa vez, aconteceu com o Tadeu, meu primo carnal. Um dente, lá nele, se dánou pra doer. Dor de pontada desatinante, daquelas do camaradinho ficar nas pontas dos pés nas soveladas. Foi ao velho. Ele rezou. A dor passou. Com coisas de mês, lá se vem novamente o mesmo dente doendo. Conto de vista, que estava presente. Fiquei ali perto observando, na frente do Tadeu. Aí o velho disse: sai daí, meu filho! Mal fui me arredando, ouvi aquele estalo, que mais parecia um tiro. Pois o dente passou zinindo em meu ouvido e bateu numa janela assim em frente. Janela de aroeira e de tábuas com coisa de dois dedos de grossura. Pois rompeu a janela, que ficou aquele buraco. Aí saí pra o terreiro, à procura

do tal dente. Mas o negro velho me disse que de nada adiantava, porque tinha ido cair bem longe.

— O senhor conheceu outro rezador assim?

— Conheci. Por exemplo, Liduína Calango, mais conhecida por Mãe Liduína. Esta uma fazia coisas que mais pareciam arte de encanto. Certa vez, uma filha de meu dito primo Tadeu estava costurando e colocou uma agulha na boca. Não sei como, tossiu e engoliu a dita agulha. Aí foi aquele corre-corre. Todo mundo assombrado, que na certa a moça ia morrer. Foi quando alguém teve a feliz lembrança de chamar Mãe Liduína. A velha chegou e foi logo se benzendo e passando a mão no ventre da moça e rezando baixinho. Aí pediu um novelo de linha, virgem. Então, colocou a ponta da linha na lombada da língua da moça. Ela foi engolindo a linha e a velha rezando e medindo a linha com o palmo e mais rezando e se benzendo. Depois, foi torcendo e mais torcendo a linha com os dedos. E sempre rezando que mais rezando. Quando mais logo, puxou de sopetão a linha e, para surpresa de todos nós ali presentes, a agulha vinha dependurada.

— Assim sabia rezar mesmo, seu Zé.

— Não apenas isto. Como parteira, nunca que se viu outra igual neste chão nosso. Cortou umbigos de um sem-número de meninos por estas quebradas todas. E nunca que mulher sofreu qualquer vexame de contratempo com Mãe Liduína ali de lado. Eu mesmo fui pegado por ela. Tanto eu como minha irmandade toda. Aquilo ela fazia com a maior naturalidade do mundo. Tomava um trago de cachaça queimada e dava outro à mulher que estava no rodeador. Defumava o quarto com alfazema, benzia-se e rezava nos quatro cantos. Pronto! Podia-se esperar, que dali a pouco o “bruguelo” berrava dando o primeiro sinal de sua vinda ao mundo. Aí ela tomava outro trago de cachaça queimada, pra comemorar, e dava outro pra mulher, pra espalhar o sangue. Também pra espalhar o sangue da parida, mandava uma pessoa sair ao terreiro e detonar um tiro de espingarda.

— Parteira de tarimba, seu Zé.

— Não usava outra profissão. Também não tinha sossego nem paradeiro certo. Quando Mãe Liduína passava com um tamborete furado debaixo do braço, uma garrafa vazia numa mão e um couro de raposa na outra, já se sabia: mais um fulaninho ia nascer ali por perto.

— Tamborete furado?!

— Sim. Pra mulher se sentar na hora das aperturas, pra melhor o menino sair.

— Garrafa vazia?!

- Sim. Pra botar força soprando.
- Couro de raposa?!
- Ô, que vocês perguntam que nem cigano! Sim. Couro de raposa.
- Vote! Hoje não se usam mais essas besteiras.
- Pois é. Mas, com essas besteiras como você diz, as mulheres de outrora sabiam parir. As de hoje não sabem. Só parem nas mãos de médicos e a maioria com operação, abrindo o bucho. Eu até duvido que mulher pensasse nas mãos de Mãe Liduína Calango. (Que Deus a tenha no Reino da Glória). E com mais um porém: nas mãos dela, nunca que mulher padecesse dias a fio com dor-de-torta. Mesmo havendo atrapalho, desocupava-se logo das secundinas. Quando muito, dentro de poucas horas.
- Que diacho é dor-de-torta?!
- Pra se desocupar das secundinas, quando elas não vêm com a criança. Pois bem. Caso tal se desse, Mãe Liduína mandava a mulher se sentar no couro de raposa. E benzia-se, e rezava. Era logo que as secundinas saíam sem tropeço algum.
- Vá pra lá com tanta coisa!
- Pois é. Mas, mulher daqueles tempos, como já disse e repito, sabia parir. E era sadia. Só que resguardo era resguardo mesmo de verdade. Trinta dias trancada num quarto, com tudo o quanto de brechas de portas e janelas arrolhadas com molambos. Banho só de asseio. E com água morna. Cabeça amarrada, ouvidos tampados com algodão, meias nos pés. Aquilo tudo pra não quebrar o resguardo. De comida, só galinha com arroz ou pirão. E a casa toda no maior silêncio. Hoje vocês acham que tudo isto seja tolice. Mas eram mulheres sadias de verdade.
- É. . .
- Pois sim. Mas, começamos a palestra sobre rezas-fortes e já vamos pra bem dizer noutro rumo. E, agora, vamos encerrar por aqui, que a noite já vai cambaiando pra madrugada.

CAÇADA DE MARRECA

Aquela de sempre palestra animada na ponta do terreiro. Noite cedo. Lua apalpando as alturas da metade da escada do céu. Nonatinho de seu Petronilo, garoto taludo já tirando a rapaz, tomando parte da roda. Garoto sabido que já cursava até o ginásio na capital, naquelas eras de 40, quando só podia estudar era gente rica. Dando impulso às conversas, Nonatinho, vez por outra, dando corda em Zé Rotinho:

— Ora, seu Zé, nunca vi tanta marreca como o Chico Vaqueiro pegou um dia destes.

— Pegou, ou matou, menino?!

— Tanto faz.

— Onde que foi? Matou ou pegou marrecas como?

— De tarrafa. Armou uma tarrafa no seco, na beira da Lagoa Grande, lá no pé do alto de nossa casa. Pôs ceva de arroz e ficou, por trás duma moita, na ponta duma corda grande amarrada na forquilha que suspendia a tarrafa. Quando as marrecas pousaram, ele puxou a dita corda e a tarrafa se esparrou por cima delas. Não sei como não voaram com tarrafa e tudo. Nunca vi outro com tanta astúcia pra caçada como o Chico Vaqueiro. Pode até o senhor pensar que seja exagero de minha parte. 155. 155 marrecas, seu Zé!

— Acredito. Hoje vocês contam uma dessas por vantagem. E, na verdade, pra vocês, é vantagem mesmo. Bem sei que, em comparação com os tempos de minha mocidade, hoje não há caças (nem de penas, nem de couro, nem de casco) nesta terra. Sobre marrecas mesmo, por exemplo, sem arredar os pés daqui, vou lhe contar uma. Você só não vai dizer que seja

mentira, porque me conhece de perto. Não me demora nos sentidos o ano. Mas vai pra uma carrada de tempo, que eu ainda era frangote, no seu tope. Estava cerrado aquele inverno maduro, de não se botar, pra bem dizer, a cabeça fora de casa. Chuveirão trancado mesmo. Inverno de matar sapo. Como em época de Seca ainda hoje se dá invasão de pombas-de-bando aqui entre nós, em quantidade descabida, naqueles tempos, vez por outra, pelo inverno, dava-se o mesmo com marrecas. Pois tal aconteceu no cujo sobre-dito inverno. Uma coisa nunca até então vista, nem mesmo pensada. Durante toda a noite, vez por outra, a gente acordava com aquelas cantiguinhas delas voando por cima da casa, de uma lagoa para outra, ou de um a outro açude. Como já disse, eu era cabra novo. Um belo dia, coisa de para o pender do sol, botei-me para uma caçada de marrecas. Como sempre fui astucioso em casos tais, levei uma cabaça grande e bocado de novelos de cordão pra punhos de rede. Cordões tecidos no tear da velha, hoje finada minha vó. Fiz um buraco na cabaça que dava para entrar minha cabeça e dois ditos para os olhos. Aí me botei para a Lagoa da Malhada da Areia, onde elas faziam pouso geral. Quando me aproximei, a lagoa estava completamente coberta da pura marreca-verdadeira. Ao me avistarem, levantaram vôo, que foi aquele trovãozinho bonito de tanto bater de asas. Passei-me para dentro da lagoa, só com a cabeça de fora, dentro da cabaça. Elas ficaram rondando no ar, naqueles piados. Mas logo começaram a pousar na tona-d'água. Aí, mais que logo, mãos à obra. Ia pegando, de uma por uma, pelas pernas, puxando pra o fundo e amarrando nos cordões que estavam presos ao cinturão. Uns 50 a 60 pedaços de cordão presos ao cinto. Pedacões grandes, que cada um comportava não sei quantas marrecas. Naquilo, nem que eu pensava que elas voassem. Da maneira que estavam presas, só voava uma se voassem todas ao mesmo tempo. Quando vi que a caçada estava para lá de boa, parti para uma brincadeira. Brincadeira aquela que quase me arrependo da graça, ao depois. Tirei a cabaça da cabeça e soltei um grito. Só a conta! Voaram todas a um só tempo. Voaram e lá se foram comigo pelos ares dependurado pelos cordões.

— Seu Zé, e os cordões não quebraram?!

— Que nada! Cordões de rede daqueles tempos não eram como os de hoje que andam se quebrando sem ver de quê. Quando acaba, como já disse, eram muitos cordões. Mas, mudando um pouco de assunto, no mesmo rumo. Um dia destes, na cidade, vi aquela estrovenga de uns rapazes saltando de avião num tal de pára-queda. Achei bonito. E fiquem certos que, naquele momento, era mesmo que eu estar me vendo nos ares conduzido por um bando de marrecas. Vocês, que naturalmente também viram os tais rapazes dos pára-quedas, dêem por visto o meu vôo. Tal e qual! Façam de conta que o pára-quedas são as marrecas e o pára-quedista eu. Foi a primeira vez que voei.

— E o senhor já voou outra vez?

— Já. Conduzido por um gavião-gigante. Mas aí é outro caso, que até já

contei para alguns amigos. Pois bem. Elas voaram. Foram ganhando as alturas. Uma coisa foi me trancando por dentro e sufocando o coração. Lá nas alturas, eu me despedia do mundo. Fui logo tratando de rezar, me recomendando a Deus. Quando cruzando por cima de nossa casa, me aguçou nos sentidos aquela lembrança de meus pais, meus irmãos e a velhinha minha avó. Chega sentia aquele entalo na garganta me sufocando todo por dentro. Hora apertada, meus caros. Hora apertada aquela! Graças a Deus que me veio, de repente, como um milagre, aquela idéia salvadora. Fui puxando cordão por cordão e, em cada um, quebrando os pescoços das marrecas atadas nele. Naturalmente a força delas foi diminuindo e meu peso dominando o voo. Foi abaixando, abaixando, . . . até que, com a maior naturalidade, pisei em terra firme. Ali mesmo, matei as que ainda estavam vivas. Aí fui pra casa arranjar condução pra levar aquele ror sem termo de marrecas. Não me lembro mais quantos jumentos com cargas de jacás.

— E quantas marrecas, seu Zé?

— 2.386. E cada marreca gorda, chega estava de banha no ovelho.

VAQUEIRO DE FAMA

— Hoje, vocês contam façanhas de vaqueiros com tanta foba, que chego até a me rir. Se vocês conhecessem alguns dos de meus tempos de mocidade, tinham até acanhamento de botar nas alturas esses vaqueirinhos marca rabo-de-cabra que andam por aí arrotando pabulagens. Ainda mais que os cavalos de agora não ajudam. Conheci muitos vaqueiros afamados. Vou aqui narrar apenas algumas proezas do negro Irineu, um dos melhores que conheci. Dizia o povo que não andava só. Com ele, havia força estranha, reza-forte. Certa feita, por exemplo, corria um boi arisco lá pelas chapadas do Morro do Chapéu para o Pau-Ferrado. O dito de propriedade de Bernardo do Zundão. Dizia o povo que “encaborjado”. Oito anos de carreiras sem encontrar um homem que passasse a mão em seu sedenho. Ao certo, ninguém sabia o autor do serviço. Mas se comentava que tal garrote foi amarrado com reza-forte, força-emprestada, por parte da velha Valdivina Parteira, negra abalizada em tais assuntos. Juntavam oito, nove, dez e até mais vaqueiros destas redondezas e botavam no dito cujo. Muitos até de outros Estados — Ceará, Pernambuco, Paraíba. E remavam vergonha na cuia grande. Criou fama tal o “Boi Misterioso”, “Barbatão Saia-Branca”, “Boi-Mandingueiro”, “Rabicho da Geral” e tantos outros. Quando um dia, Irineu se prontificou. Negro já um tanto avançado nos janeiros. Basta se saber que isto no início deste século e ele provinha do tempo da Escravidão. Foi negro-de-sujeição da famosa e respeitada Dona Joaquina do Saco da Boa-Vista. Rica que só ela, que não sabia nem quantos fôlegos contando nos campos. Pois bem. De tão escabreado, o garrote já tinha até mudado de pasto. Pastando, então, nas imediações da Serra da Atalaia. E tão amocambado, que quase ninguém lhe botava as vistas. Diz que à noite, lá pelas horas-do-sossego, descendo pra beber no Olho-d’Água da Pitombeira. Irineu foi, num cavalo muito do afamado do velho Galdino. Com ele, um companheiro, Zeca Patiló. Montaram tocaia. No centro da mata. Noite silente, de não mover uma folha. Só pios de corujas, coaxar de sapos e cricri de grilos. Noite escura, que a Lua havia passado no dia anterior. Lá

pelas caladas da madrugada, ouviram o cascavilhado duma rês descendo a ladeira assim perto. Não havia dúvida que era ele. Logo tomaram as mangas dos gibões e ficaram atentos. Quando o bicho se aproximou e foi botando a boca na aguada, Irineu velho falou pra ele:

— Endireita o corpo, boi de fama, que vou quebrar sua mandinga.

— Aí, numa rapidez de relâmpago, o garrotão caiu no mato. De afoito, Zeca Patiló saiu na frente. Mas foi logo que o negro velho passou por ele. Diz que, de longe, se ouvia o grito-de-avanço de Irineu. E aquela quebradeira de paus mais que uma tempestade. E o estrondo dos cascos zoando no mundo. E lá se iam descendo e subindo grotões. Foi muita gente por aquelas quebradas que acordou atordoada com aquele movimento de tropelos, quebradeiras de paus e os gritos do vaqueiro. Uns estavam a par do caso. Já outros, desavisados, julgando tratar-se de assombração. Muitos, especialmente mulheres, abriram oratórios e rezaram, nas alturas, a Jaculatória, Maria-Valei-me, Ofício de Nossa Senhora. Pois rondaram para mais de hora por aquelas imediações. Quando o Boi Zundão (que era o nome dele) percebeu que em reviravoltas não enganava o vaqueiro velho, fez fiapo em linha reta. Aí foi aquele estirão sem fim de disparada. Só daí pra frente, correram três léguas, dessas que o Diabo mediu com rabo lambuzado de cinza. E tudo na mata trincada de mororó, jurema, unha-de-gato, mofumbo e tudo o mais. Já perto da barra do dia começar a pestanejar no nascente, o cavalo Corujão empurrou os peitos na anca do afamado Boi Zundão. Nada, porém, dele pisar o pé na mão e cair, como sempre acontece em casos tais. Aí apelou para a briga. Virou-se e caiu na cava. Pontas de chifres finas que nem duas lancetas. E em ponto bom pra luta, pois era de armação pinheira bem conformada. Mas perdeu logo na primeira investida, que o cavalo era adestrado a ponto de melhor não se desejar. Quando o boi avançou, Corujão mediu os peitos bem no meio da armação. Colava o peito bem no patamar da testa do novilho, capotava a cabeça prendendo o chifre nos queixos. E o negro velho mandava a valer a faca-de-pemeira do cachaço à volta da pá do garrotão afamado. Nada menos de 55 facadas, para que ele entregasse os pontos e tombasse de vez. Àquela altura, já Irineu não sabia nem aonde Zeca Patiló havia ficado. O que é certo é que, fora o tempo que correram volteando aqueles socavões, só de estirão em linha reta, três léguas bem puxadas. Disto foi muita gente que deu seu testemunho. Gibão, perneiras, guarda-peito e chapéu ficaram em tiras. De sela, nem sinal. Muitos dias depois, foi que foi encontrada dependurada num pau.

— Perdeu a sela na carreira?

— Justamente. Meninos, Irineu, como vaqueiro, fazia letras que não eram coisas de ato de cristão em cima da terra. Muitas e muitas vezes, o cavalo passava por baixo de uma galha de pau derreada e ele passava por cima. E, quando se escanchava na sela no outro lado, já estava com os pés nos estribos. Diz que aquilo numa rapidez de relâmpago. Naquela vez do Boi

Zundão, muitos e mais muitos casos destes aconteceram — o cavalo passava por baixo da galha de pau e ele por cima. Numa destas, um galho arrancou a sela do lombo do cavalo. Quando ele se escanchou no lombo de Corujão, no outro lado, foi em pelo. Afamado já era, como vaqueiro, por toda esta cercania. A partir daquele dia, porém, seu nome correu chão por outros Estados — Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Maranhão. . .

— Hoje não se encontra mais vaqueiro dessa estampa aqui por perto.

— Nem aqui, nem em parte nenhuma. Ainda mais que os cavalos de hoje são uns mequetrefes em relação aos de outrora. Não há nem termo de comparação — nem em homens, nem em cavalos. Tudo na base de inferior pra pior. Negro Irineu (que Deus o tenha em Bom Lugar) fazia coisas, meninos, que só se vendo. Certa vez, ele botou cavalo num boi que estava começando a ganhar fama, bem ali no Mari do Coronel Lourenço Pereira. Pois ao passarem por baixo de uma dessas ditas galhas de pau derreadas, o cavalo varou por baixo e ele por cima. Aquilo, pra ele, era coisa muito da natural. Mas deixe que a força que ele fez no finca-pé nos estribos pra o impulso, passou da medida. Adiantou-se no pulo e, ao invés de cair na sela, escanchou-se bem no meio do espinhaço do boi. Também não desmanchou o traçado. Não foi pra conversa de ao menos pensar com seus botões por outra maneira. Fincou as esporas na tanga dos vazios do boi e mandou a trança do chicote pra cima a torto e a direito. Foram sair no pátio da fazenda Sete Lagoas. Ficou todo mundo admirado, de queixo caído, com aquela proeza até então nunca vista. O boi soltando urros em desadorno. E o negro de esporas e chicote nele, que era o que dava força das pernas e do braço. Ninguém sabe nem como ele não caiu, pois rês tem aquela gordura no couro, que escorrega que nem quiabo novo. Aí o boi, desorientado, foi entrar no curral. E o cavalo, que era domesticado como todo cavalo domado por ele, ali atrás.

— É. . . Desses não há mesmo outro por essas nossas paragens.

— Nem por essas, nem por outras. Vou agora narrar apenas uma que ele fazia por gauchada, que cansei de ver. Quando qualquer uma rês na cava dentro do curral, remetendo mesmo pra danar, ele entrava. Isto tanto fosse uma vaca, como qualquer touro. Entrava, pra bem dizer, de mãos abanando. Apenas com a própria camisa na mão. A rês podia estar nas alturas do enfezamento. Dizia ele que com quanto mais raiva, melhor, porque estava desatinada. A rês partia pra ele. Na bruta calma, ele abria a camisa tampando os olhos da rês. Cena bonita aquela. Estou por ver outra igual, nem mesmo ao menos parecida. Cena bonita! Ele bandeirava a camisa na testa da rês tampando-lhe as vistas. A rês abaixava a cabeça, no intento da chifrada (da bumbada, no nosso dizer). Ele pisava um pé no cachaço, o outro lá no meio do fio do espinhaço e pulava lá no outro lado pelas traseiras. A rês virava. A mesma coisa, no mesmo compasso. Um pé no cachaço, outro no meio do espinhaço e. . . zás, lá no outro lado. Um

verdadeiro espetáculo. Ia até a rês ficar sem ação, de língua de fora de tão cansada. Ai ele jogava o pano fora e ficava mesmo de mãos nuas. A rês, cansada, abaixava a cabeça tentando bumbaba, e o negro Irineu caminhando por cima dela. E mais: virando cambalhotas em pulo-mortal nos ares.

— Um homem desses hoje ganharia rios de dinheiro com trabalhos de tal natureza. E o senhor conta tão bem contada a estória, que parece a gente estar vendo.

— Pois é. Por isto que eu digo que pode quem quiser me contar proezas dos homens de hoje, que não me causam a menor atração. É entrando num ouvido e saindo no outro. Por mais que façam e se exibam, não chegam nem aos pés das façanhas dos homens de outrora.

LEITÕES DE ÓCULOS

Certa feita comentavam sobre a mulher de um certo vizinho que botara um filho no mato. Coisa comum, mas nunca que se deixa de comentar com certa admiração quando acontecida.

Pois bem. A Pulquéria do caboclo Honorato Pé-de-Cabra. Já com coisa de seis meses de gravidez. Amanheceu naquele desejo de comer melancia. Época de verão. Tempo de não se encontrar, ali por perto, uma melancia para remédio. Foi tiro e queda! Quando pela boca da noite, lá se estava ela com aquela dor pesada nas cadeiras e aquele outro sinal de parto dando aviso. Antes do galo cantar pela primeira vez, desocupou-se. Menino. Macho. Nasceu morto. Boca aberta e um sinal vermelho nas costas no formato duma melancia.

Zé Rotinho aproveitou a deixa e desviou a palavra para outro rumo, dentro do mesmo tema:

— Isso acontece também com qualquer outro animal. Certo inverno, tivemos uma fartura de abóboras que foi um despotismo. Lá para os fins-d'água, carregávamos as abóboras para casa num carro de boi. Cada abóbora amarela, que era uma beleza. Num cercado, estava uma égua prenha. Uma besta bralhadeira, de nome Asa-Branca, a qual era animal de estimação do velho meu pai. No trajeto da roça para casa, passava-se por dentro do dito cercado. Quando um dia, a Asa-Branca abortou um poldrinho que já estava encabelando. Pois na altura das costelas do mesmo, estava uma mancha avermelhada, que era direitinho o formato de uma abóbora. Meu pai viu logo que se tratava de desejo e deu um cavaco danado. A égua desejou comer abóbora e abortou.

— Conte outra assim.

— Pra falar a verdade, que eu tenha visto, só mesmo esta. Aliás, conto outra. Mas esta não se trata de propriamente desejo. Nem mesmo de aborto. Coisa um tanto diferente, porém no mesmo rumo. São as tais coisas da Natureza que a gente não compreende, mas termina aceitando. A velha minha avó por parte de pai era parteira. Sem interesse, que ela não precisava daquilo. Apenas para servir ao povo daquelas redondezas na falta de outra no ofício. Certa vez, ganhou de presente uma leitoa de uma raça ruiva. Criou a bichinha com muito mimo e apego. Cresceu, que era uma maravilha de porca. Mansinha!... Vivia ali mesmo pelo terreiro e por dentro de casa. Quando um dia, eu e um meu irmão fizemos uma brincadeira com a dita porca. Amarramos na testa dela os óculos da Dindinha, como nós chamávamos nossa vó. Aí a porca se desorientou e caiu no mato. Foi uma confusão em casa. A velhinha ficou por conta. Numa latomia danada brigando com a gente, chega ficava nas pontas dos dedos dos pés. Só não apanhamos, porque a Dindinha não deixava ninguém bater em nós, quanto mais ela. A velha dizia que, apesar de estar privada de fazer suas rendas e seus crochês, não lamentava a perda dos óculos. Por óculos, compraria outros. Porca como aquela era que nunca mais encontraria na vida. Mas acontecia que, naquele sumiço, a porca estava mas era no vício, roncando. Semanas depois, ela apareceu. E ainda de óculos. Tudo resolvido. A velha com seus óculos e sua porca de estimação em casa. Era a velhinha fazendo croché, ou traçando renda na almofada de bilros e a tal porca ruiva ali deitada perto dela. Pois bem. Poucos meses depois, a tal porca pariu. Naturalmente apanhou cria naquela viagem. Coisa de pouco tempo mesmo, que porca não demora muito tempo de bucho. Tanto que o povo costuma dizer:

*porca com
três meses,
três semanas,
três dias e
três horas,
bacorinhos fora.*

— Pois pariu e, se não me falha a memória, 10 bacorinhos. Ruivos, chega eram branquinhos. Pois todos com aquele risco preto em redor dos olhos e continuando até às alturas das orelhas. Acreditem como se vendo. Quem olhasse para qualquer um deles assim um pouco de distante, jurava que estava de óculos. Coisa que chamou atenção de todo mundo por aqueles arredores. Vinha gente de longe só pra ver os leitões da porca ruiva de minha vó. Leitões de óculos.

MESTRE CAMBUTE

Semana Santa. Quarta-Feira de Trevas. Naqueles tempos em que ainda se guardava o maior respeito aos chamados Dias-Grandes. Muita gente daqueles arredores, parentes e demais amigos, passava aquela temporada ali. Na Boa-Vista. Dentre todas, a casa mais freqüentada de visitas era a do velho fazendeiro Manuelzinho Leal. Noite clara, pois, como se sabe, não há Semana Santa sem lua cheia. Noite de ceia-larga, uma vez que, no dia seguinte, começaria aquele jejum pesado e obrigatório da religião. Aquela roda animada no terreiro de gente comendo milho assado e cozido, canjica, melancia, requeijão com rapadura, coalhada e outras guloseimas. Para um lado, rapazes e moças brincando de anel, casamento-chinês, prendas, etc. De outro lado, uma roda dos mais velhos com o famoso Zé Rotinho narrando suas estórias de casos exagerados. A certa altura, Nonatinho de seu Petronilo Macedo, que já estudava até na capital pra ser doutor, aproximase e dá corda ao velho por aqui:

— Seu Zé, o senhor é bastante inteligente. Garanto como se tivesse estudado e se formado, seria um orgulho para esta terra.

— Muito obrigado! Bem sei que mais se trata de cortesia de sua parte que, além da educação que tem, é um moço sem bondade. Mas, por falar em inteligência, vou falar pra vocês sobre a pessoa mais inteligente que vi em cima deste chão. O dito era filho do hoje falecido Honorato Pé-de-Cabra. De nome Raimundo, mas atendia pelo apelido de Mundoco. Para melhor explicação, o melhor professor que até hoje conheci por estas quebradas, foi Mestre Cambute. Ainda é vivo, com as graças de Deus, mas com seus bem 100 anos de idade. Homem inteligente e sabido. Sabia até dizer sobre o destino da gente através dum livro chamado Lunário Perpétuo. Pelo dito livro, tirava uns tais de aros, arcanos e dias dominicais e dizia muitas coisas certas do destino do camarada. Para isto, bastava saber o dia do mês, semana e ano e hora do nascimento da pessoa. Aí, pelas palmas

das mãos, lia a sina de qualquer um. Hoje não é mais homem pra essas coisas. Velho, quase cego, mas ainda conversando aplumado. Pois bem. Desde homem moço que Cambute adotou a profissão de professor. Contratava com um fazendeiro qualquer dois ou três meses de aula e montava a tenda escolar. Aí a meninada daquela vizinhança vinha quase toda para a escola do Mestre Cambute. Eu mesmo aprendi com ele o pouco que sei. Graças a Deus e ele, ainda hoje me gabo de saber ler e escrever e contas as quatro operações e contar uns galhos de contas como: caixaria, juros e até falsa-posição. Se não me falha a memória, no ano de 1898. Mestre Cambute estava de escola montada na casa do Coronel Januário Fonseca.

— Meu avô.

— Sei, Nonatinho. Seu avô por parte de mãe. Seu pai foi meu colega de aula. Pois sim. Pois sim. Na dita escola estudava também o Mundoco, filho do Honorato Pé-de-Cabra, agregado de Januário Fonseca. Menino inteligente, o Mundoco. Uma coisa de assombrar e impressionar todo mundo. Naqueles tempos, o ensino era diferente do de hoje, que até nem sei como os meninos de agora aprendem a ler. A gente começava era mesmo do começo, pela Carta de ABC. O professor tomava a lição cobrindo as letras com um papel furado, para o aluno dizer o nome da letra que ficava na janela do papel. Quando o menino conhecia todas as letras (minúsculas e maiúsculas, a manuscrito e de imprensa), com números, cifra, cifrão & e tudo, era que passava para a Carta de Sílabas. Começava-se pela sílaba do *b a bá*. E cantando a lição: um *b* com *a*, *b a bá*; um *b* com *é*, *b é bé*; um *b* com *i*, *b i bi*; um *b* com *ó*, *b ó bó*; um *b* com *u*, *b u bu*. E por cima: *bá, bé, bi, bó, bu*. Um *c* com *a*, *c a cá*, (...). Ia até ao *z* com *u*, *z u zu*. Daí, passava-se para a sílaba do *a* com *i*, *a do a com n*, (...). Todas também até o *z*. Terminando-se a Carta de Sílabas, passava-se para a Carta de Nomes.

— Soletrando, não era?

— Perfeitamente. E com mais um porém. Naturalmente você conheceu soletramento assim: *c a cá, v a vá, l o ló* — cavalo.

— Naturalmente! E o senhor sabe soletrar de outra maneira?

— Quando estudei com Mestre Cambute, a soletração era assim: *c a cá*, dizendo sílaba por sílaba por si só; na pronúncia desta palavra que é um dissílabo agudo, *f é fé* — café. *Ca cá, v a vá*, dizendo sílaba por sílaba por si só; na pronúncia desta palavra que é um trissílabo grave, *l ó ló* — cavalo. *M a má, d r e dre, p é pé, r ó ró*, dizendo sílaba por sílaba por si só; na pronúncia desta palavra que é um polissílabo esdrúxulo, *l a lá* — madrepérola.

— Assim era um método bem difícil e complicado.

— Que era difícil, lá isto era. Mas era seguro. A gente aprendia e tinha

inteira consciência do que aprendeu. Depois da Carta de Nomes, passava-se para as leituras e Tabuada. Esta também era cantada: 4 vezes 6, 24, nove fora 6, na regra de 20 vão 2, 2 e 4, 6. 7 vezes 5, 35, nove fora 8, na regra de 30 vão 3, 3 e 5, 8 (. . .). Pois bem. Além de toda segurança no ensino propriamente dito, havia as Sabatinas, também chamadas de Argumentos, aos sábados. Os discípulos formavam aquela roda na sala, em pé, o mestre ao meio, sentado, com uma palmatória na mão. Argumentando os alunos tanto em sílabas, como em nomes ou tabuada, conforme o desenvolvimento. Fazia uma pergunta ao aluno. Se ele errasse, passava a mesma pergunta ao da frente. Quando um acertava, entregava-lhe a palmatória para aplicação de um bolo na mão de cada aluno que errou. E assim por diante.

— O professor também castigava aluno na palmatória.

— Muitos deles. Cambute, que seja de meu conhecimento, nunca desceu palmatória em mão de discípulo seu. E ensinou a muita gente. Centenas e centenas de discípulos passaram por ele. Mais de 50 anos na profissão de mestre por estas cercanias. Quando saía duma fazenda, ia para outra. De intervalo, apenas durante os meses do inverno — do início de janeiro ao fim de maio. O melhor mestre-escola que pisou por estas redondezas. E, mesmo sem castigar alunos com palmatória, sabia impor sua disciplina por demais séria. Menino não se sentava perto de menina. Aquelas filas de bancos e cadeiras pelos pés das paredes, os meninos dum lado, as meninas do outro. E aquela toeira bonita de uns cantando sílabas, outros cantando soletração de nomes, outros cantando tabuada. Na hora do almoço, tomava a lição de todos. Coisa de pelas duas horas da tarde, novo baião de estudos. Em cima da mesa do professor, uma pedra chamada licença. Qualquer aluno que sentisse necessidade de ir ao mato, apanhava e mostrava ao mestre a licença. A permissão era dada e o aluno saía com a licença na mão. Enquanto aquele não voltasse, outro não saía. Por outro lado, quando necessário, aplicava castigo, mas não com palmatória. Botava apenas o aluno de pé, ou ajoelhado, durante determinado espaço de tempo.

— Bem que era interessante o método da escola antiga. Mas era coisa rara.

· Você que pensa! Naqueles tempos, havia mesmo escolas por estas redondezas. Depois foi que os homens de recursos largos foram se acabando, os meios de vida ficando mais difíceis e as escolas desaparecendo do sertão. Chegou ao ponto de escolas só nas cidades e vilas. Chegou ao ponto de o analfabetismo se alastrar à lei larga. Até um ano destes, era coisa bem difícil se encontrar um sertanejo por aqui capaz de rabiscar um bilhete e gaguejar uma carta. Graças a Deus que do ano passado pra cá melhorou bastante com a chegada do Mobral. Não é por adulação, que na idade em que estou não preciso de adular a ninguém. Mas, a meu ver, no meu modo de pensar, depois da Independência e da Libertação dos Escravos, as duas melhores coisas que até hoje o Governo fez chamam-se Mobral e Funrural. Eu mesmo conto com minha aposentadoriazinha. Ou chova ou faça sol, todo fim de mês recebo meu dinheiro. Mestre Cambute ensinou durante

mais de 50 anos. E, se não fosse agora o Funrural, estaria hoje, no fim da vida, pedindo esmola.

— Em parte, o senhor tem razão.

— Em parte, não! Pese as palavras. Razão completa. E ainda existe gente por aí que diz que não vai pra escola do Mobraal porque já passou do tempo. Nunca é tarde para aprender a ler. O negócio é que é como diz o compadre Zacarias Capucho: tem cristão tão ruim que o Governo está metendo-lhe o pirão na boca e ele está engulhando. Mas vamos voltar ao assunto do começo — o Mundoco, filho de Honorato Pé-de-Cabra. Inteligência daquele jeito, estou por ver outra. Com uma semana de aulas, já lia, escrevia e contava as quatro operações, dividindo por 3 ou mais algarismos. Mestre Cambute ficou pasmado. Dizia ele que nunca se ouviu falar em inteligência daquela natureza. Com um mês de aulas, já sabia tudo que Cambute sabia. E passou a decurião.

— Quê que quer dizer decurião?

— Nonatinho deve saber. Mas vou lhe responder antes que ele me tome a palavra. Decurião era o aluno mais adiantado que passava a auxiliar o mestre tomando lições de outros discípulos. Eu só queria que vocês vissem. O Mundoco, criança de ainda, seus 11 ou 12 anos, bancando professor auxiliando Mestre Cambute. Pois bem. Mundoco, pela sua inteligência refinada, impressionava a qualquer um. Nas horas vagas, Mestre Cambute pegava um papel e um lápis e fazia-lhe perguntas mais ou menos desta natureza: 1.375 vezes 138! Imediatamente, Mundoco respondia: tanto. O mestre efetuava a conta e a resposta estava certa. Outro exemplo: 128.345 dividido por 196! Mundoco dizia: tanto e sobra tanto. Cambute fazia a conta e a resposta de Mundoco estava certa. Aprendeu tudo que Cambute sabia mesmo. Até conta de tarefas de terra, que o mestre só ensinava a gente muito inteligente, aprendeu só numa tarde.

— Era um gênio.

— Era, Nonatinho. Parecia mais uma coisa do outro mundo. O povo contava que ele, com um mês de nascido, começou a pronunciar as primeiras palavras. Com 6 meses, ainda se arrastando, diz que conversava tal e qual uma pessoa grande. O povo dizia que aquele menino não se criava, que aquela sabedoria toda não podia ser coisa deste mundo. Dito e feito! Com coisa de 14 para 15 anos, apanhou uma febre que não se sabia como nem de quê. E não houve jeito. Morreu dentro de poucos dias.

— Faz tempo que o senhor viu Mestre Cambute.

— Ainda no ano passado fiz uma visita a ele. Velhinho, mas satisfeito que dá gosto. Todo mundo do que vive ou viveu. Satisfeito com sua aposentadoria no Funrural. E mais satisfeito, quando fala nas escolas do Mobraal.

FANTASIAS E MARMOTAS

Naquela noite, a conversa girava sobre Lobisomen e outros trasgos. Uns acreditando, outros não. Aí Zé Rotinho entrou de cheio com uma daquelas suas célebres narrativas:

— Vocês hoje duvidam, mas até que dou razão os de agora não acreditam em certas coisas do passado. Mas, que por estas nossas caatingas rondavam fantasmas de toda natureza, é uma pura e sem mistura verdade. A questão é que certos fantasmas sempre acompanham as caças, e caças por aqui praticamente não existem mais. Vou aqui contar apenas algumas das muitas aperturas que topei em noites de caçadas de tatu. Por estas, vocês tiram as demais. Naqueles tempos, como rapaz moço que era, chegava a acreditar que tais casos não passavam de abuso do povo. Só passei a dar crença quando, com estes olhos que a terra um dia tem de comer, vi certas fantasias. Certa noite, me deliberei a uma caçada de tatu. Isto mais ou menos, se não me falha a memória, há uns sessenta e poucos anos, em 1901, no chamado Ano do Bró.

— Que mal pergunto, que diacho quer dizer Ano do Bró?

— Pergunta bem. Não foi ano de Seca propriamente dita, mas bem fracoteado. Repiquete. E não sei por que, dos plantios, o mais atingido na safra foi o de mandioca. Não se tirou quase nada. Daí, quando do meio para o fim do ano, veio a escassez de farinha. E deu de aparecer nas feiras desta região uma farinha ordinária procedente da Serra do Araripe, Ceará. Grossa, com bastante caroços e de cor amarelada. Dizia o povo que fabricada com raízes de mandioca misturada com raízes de umbuzeiro, não sei mais o quê. Esta tal farinha ganhou o apelido de “bró”. Daí 1901 ficou tido, havido e conhecido por Ano do Bró. Ano de “coíra” aquele. Além de repiquete, bem puxado, apareceu o mal da bexiga. Não era essa cataporazinha besta de hoje, não. Bexiga-roxa, denominada de bexiga-lixia e tam-

bém bexiga-da-pesto. E era da peste mesmo. Matou diversas pessoas e deixou umas tantas outras com cicatrizes, especialmente no rosto, para o resto da vida.

— Doença danada, seu Zé.

— Pois sim. Pior que a bexiga-da-pesto só vi mesmo a gripe espanhola, também chamada de bailarina, logo depois daquela guerra danada com uma tal de Alemanha, lá no outro lado do mar. Mas, voltemos à vaca-fria, no assunto atrás deixado. Certa vez, tomei deliberação de me deparar com marmotas e demais fantasias de nossas matas. Formei uma caçada em noite de quinta para sexta-feira. Como todos sabemos, a noite mais caroável a visagens. Dito e feito! Eu mais dois companheiros. Adereçamos os apetrechos — enxada, cavador e mais. Aí nos botamos para a chapada de Sete Lagoas. Caças de toda diversidade, naquelas épocas, borbulhavam em nossas chapadas. Cada um jogou seu gibão nas costas e cacundamos para lá. Com três cachorros de primeira qualidade em caçadas — Sultão, Rompe-Nuvens e Todo-Peixe. Entramos na chapada e, assim num limpozinho de tabuleiro, estumamos os cachorros e nos deitamos. Ficamos de ouvidos na escuta do ladrado deles acuando uma caça qualquer. Foi logo que ouvimos aqueles assobios finos que nem assobio de sonhim. Estranhamos logo aquilo, pois sonhim não é caça de vagueação noturna. Pois não se fez demorar aquela latomia dos cachorros toando bonito, pra não dizer feio, na taca. Ainda um tanto perto da gente, que se ouvia bem a tacada do cipó nos couros deles. Um dos companheiros, não me lembro bem se Compadre Macabeu ou Mané Cutia, disse logo que aquilo não passava de traquinice de Caipora. Os cachorros chorando, e taca comendo sem dó. Quando tudo terminou, lá se vinham vindo eles para onde nós. Cada um com o corpo todo latanhado da pisa. Tunda grossa, meus amigos. Fazia pena a gente ver o estado dos pobres e coitados cachorros. Chega choramingavam de dores. E tremendo-se que nem vara verde. Nem um deles, naquela noite, teve mais alento de caçar. Ficaram ali se coçando em nós, como se pedindo socorro, numa tremelica de dar pena. Mané Cutia se assombrou. (Deus perdoe seus pecados, que já morreu.) Nunca vi homem mais frouxo. Já Compadre Macabeu, nem mode coisa! Achava mas era graça de Mané Cutia pedindo a nós, até pelo amor de Deus, a volta imediatamente para casa. E Compadre Macabeu dizia: deixa de ser frouxo! Não é homem não? ! Quando a barra do dia já começando a quebrar no levante, arribamos no rumo de casa. Mal saímos dali, lá se vem outra fantasia que nos tirou da dúvida se se tratava ou não de Caipora. O dia estava começando a clarear. Foi quando, assim não muito distante de nós, passou correndo uma vara de caitutus. Vara pequena para aqueles tempos. Não deu para se contar mas, pelo visto, coisa de uns 15 para 20, apenas. Pois atrás deles, um molecote montado num caititu deste tamanhozão. Provavelmente, o cachaço do bando. E mais: um molequinho deste tamanhozinho na garupa. E o encapetado do moleque maior soltando aqueles gritos finos e esfarelados. Mesmo que ver um vaqueiro tangendo um bocado de gado. E, assim um pouco distante, uns assobios tal e qual os que ouvimos à noite. Só não observamos melhor a

cena, porque o peste (que Deus tampe suas oiças) do Mané Cutia se apavorou. Abriu a goela no mundo gritando assombrado. E se atracando, no maior dos desesperos, comigo e Compadre Macabeu. Por outro lado, os cachorros desatinadamente uivando, que era uma coisa louca. Pena que meus companheiros naquela ocasião já estão em Glória. Se vivos ainda, bem que podiam testemunhar tal caso.

(O estudante Nonatinho, que tomava parte na palestra, deu corda no velho):

– Ninguém está duvidando, seu Zé. Todos aqui o conhecemos de perto e sabemos que o senhor não é homem para estórias sem fundamento. Além do mais, o senhor sabe, com perfeição, narrar fatos interessantes.

– Muito obrigado, meu filho!

– Algum dia o senhor se encontrou com o Curupira?

– Não apenas com ele, como com quase todos os trasgos de nossas caatingas. Dizendo bem, pois sou inimigo número-um de acrescento, com o Curupira só me topei uma vez. Certo dia, andava eu pela chapada da Malhada da Areia, no propósito de tirar um mel de abelha. Deixei foice, machado, facão e cabaça num determinado local e me afastei um tanto quanto (com licença da palavra) para um dar-de-corpo. Desobriguei-me da necessidade e, quando de volta ao local, era o lugar mais limpo. Só a cabaça. Foice, machado e facão, nem sinal. Zanzei por aqueles arredores e não encontrei nem um dos três objetos. Pensei logo com meus botões: na certa que foi o Curupira, o protetor das árvores e guardião das matas. Quando menos esperto, ouvi aquelas pancadinhas como se uma pessoa batendo com uma pedra num pau. De mim para mim, disse: na certa que é o tal Curupira receitando as árvores. Falando com sinceridade, medo propriamente dito não tive. Mas senti qualquer coisa de sobrosso, que os cabelos dos braços arrepiaram. Aí me botei para casa. E aquelas pancadinhas me seguindo e, a cada momento, chegando para mais perto de mim. Pois deixem que, quando menos espero, me deparei com a tal marmota. Um bicho assim dando ares de gente e de macaco, mas nem gente nem macaco propriamente dito. Mais ou menos do tamanho de um menino de oito anos. Cor cinzenta. Muito mais cabeludo que jumento novo. Em pé como gente. Calcanhares para trás. Com uma pedra na mão, batendo num tronco de árvore. E encostava o ouvido na árvore, tal e qual quando um médico receitando a gente manda a gente dizer 33. Atrás dele, um jabuti. Tive um tanto de sobrosso, como já disse. Não vou mentir. Mas, parei e observei bem aquelas cenas dele receitando as árvores. Isto coisa de quase pelas ave-marias. Foi logo que veio a cena final. Esta foi bonita, apesar da marmota, em si, ser horrorosa de feia. Cena bonita. A coisa mais linda que até hoje vi neste mundo velho. Veio um bando de papagaios voando, chega fazendo aquela nuvem. Mas num vôo bem lento, como nunca vi outro pássaro voar. Aí abaixaram o vôo e ficaram apenas uns 5 metros acima da

cabeça do tal fantasma. Ele fechou a mão com a pedra e saiu caminhando. E aquela bandeira verde e amarela por cima dele num vôo bem lento e sereno. E o jabuti atrás. E lá se foram. Ele na frente, o jabuti atrás e os papagaios por cima cantando:

– Curupaco, papaco.
Curupaco, papaco.
Curupaco, papaco.
(. . .)

– Foi a coisa mais linda que até hoje vi neste mundo velho.

– E Lobisomem, o senhor já viu?

– Umás poucas de vezes. Deste conto casos e mais casos, tanto da minha parte, como de outras pessoas que com ele se toparam. Mas quero ainda falar de Caipora, que interrompi para falar de Curupira, em atenção a este menino, que será o primeiro doutor desta Sesmaria de Sambambaia. De outra feita, me topei com um Caipora. Nesta ocasião, me fazia companhia o Zé Pigó, hoje finado. (Que Deus se lembre de sua alma.) Foi numa caçada lá pelas bandas do Angico-branco. Quando entramos na mata, um tanto cismado, lembrei a ele que era noite de quinta para sexta-feira. Mas Zé Pigó era um desses caçadores velhos de tarimba. Conhecia tudo o quanto de segredos, fantasias e mistérios das matas. Só fez me olhar assim de “esgueia” e dizer que eu deixasse de ser besta, que com ele não tinha dessas coisas. Lá na frente, ele virou-se para mim dizendo: não vá se assombrar, que tudo é mesmo coisa da Natureza. Aí se benzeu e rezou baixinho. A seguir, colocou um pedaço de fumo num gancho de pau, dizendo:

– Toma, Caipora!
E deixa-me embora.

– Naquele mesmo momento, vindo não sei de onde, saltou em nossa frente um moleque tal e qual o que vi encarapitado no caítitu. Fiquei pasmado, de olhos esbugalhados. Na bruta calma, Pigó olhou para mim e disse: não se assuste, que se trata apenas de coisas dos mistérios da Natureza. O molecote pegou o pedaço de fumo, deu três pulos pra cima soltando três gritos e rindo na maior satisfação. Dentes alvos que nem capuchos de algodão. Aí, numa rapidez de relâmpago, passou por entre as pernas de Zé Pigó e voltou saltando por cima da cabeça dele. E desapareceu, não sei nem como. Aliás, conto isto hoje porque Pigó velho já é com Deus. Mas, naquela noite, ele me disse saber de mais meios de se livrar de qualquer gnomo. E acrescentou tratar-se de segredo e que, de maneira alguma, eu contasse aquilo para alguém. E dizendo mais que, do contrário, eu iria sofrer consequências desagradáveis em caçadas. Lá para coisa das horas-do-sossego da noite, necessário se fez a gente amarrar os cachorros, que já não se dava conta das caças. Vinte tatus verdadeiros, dois tamanduás-mirins, um dito bandeira, quatro cutias, três pebas e duas pacas. Quem não quiser acreditar, que não acredite. Mas, que é uma pura e sem mistura verdade verdadeira, lá isto é.

PROEZAS DE AGILIDADES

Sentinela. Morte do velho Prisciliano da Tapera. Até que viveu que nem jabuti. Mas, já com 99 completos, morreu de mãos estiradas para os 100 janeiros. Zé Rotinho assim numa roda ao pé do fogo, lá na ponta do terreiro, debulhando suas lorotas costumeiras. Em dado momento, alguém falou sobre ligeireza e o velho entrou de cheio com uma daquelas suas narrativas por demais engraçadas:

— Em assunto de destrezas, meus colegas, conheci um ror de cabras bons destes nossos rincões. O velho Irineu, como já contei pra vocês, como vaqueiro, foi um dos tais. Também naqueles circos antigos, que nem de longe se comparavam com os circos mequetrefes de hoje. Palhaços de primeira qualidade, tanto em anedotas como em mágicas e trabalhos outros, vi sem conta. Artistas de deixarem a gente de queixo caído, de tantas bramuras sem termo de comparação. Dentre todos, porém, tanto de circos como de nossas redondezas, como Salustiano filho de Pixiringa, negra velha que só pé de serra. Do tempo do carrancismo, que foi até escrava do famoso Coronel Venerando Fonseca, que conheci apenas de nome, pois quando tomei conhecimento das coisas do mundo, já era falecido de há muitos e muitos anos. Continuando. Salustiano, conhecido entre nós por Salu, fazia pulutricas de ligeirezas, que não eram coisas de gente deste mundo. Tanto que um dia passou por aqui um circo, dizia o povo que até das “estranjas”, e levou o Salu de tanta fama. Diz que fez figura no mundo inteiro. Pois é. Vejam, que como aquele estou por ver, nem perto, outro em cima do chão. Saltos-mortais, dava até virando três ou mais vezes no ar. E o mais interessante era quando virava e revirava, ao contrário. Quer dizer: indo e voltando, fazendo e desfazendo aquelas suas reviravoltas. E, quando alcançava o chão, em pé sem o menor tropeço. Pendurava-se pelos pés, de cabeça para baixo, lá nas alturas duma árvore qualquer. Aí se desapregava de lá, que vinha com tudo. Quando alcançava o chão, em pezinho da silva. E mais: lá daquelas alturas ao chão, virava diversas vezes

nos ares. Outra das diversas “pulturicas” que ele fazia, fez bonitas e diversas vezes comigo. Eu a cavalo. Ficava em pé em meus ombros, dava aquele impulso pra cima, virava duas ou três vezes nos ares e voltava a se firmar, em pé, em meus ombros novamente. Por gauchada, mandava eu sair a galope no cavalo e ele, aqui e ali, saltando pra cima, dando pulo-mortal e, em seguida, firmando-se em meus ombros do mesmo jeitinho. Em casa em construção, fazia uma que, ao meu ver, a mais perigosa e arriscada. Ficava em pé numa travessa, saltava para outra, dando duas ou três “carambelas” nos ares. Outra das dele, era deitar-se numa rede, cruzar as pernas e os braços e mandar uma pessoa cortar a corda de qualquer um dos pinhos. Numa destreza de gato, saltava em pé lá no meio da sala. Brincava até com 20 laranjas, jogando de uma por uma pra cima, aparando de uma por uma e jogando de novo sem uma sequer cair no chão. E assim era um sem-número de estripulias, que a gente indo narrar todas, vai ao raiar do dia e ainda ficam tantas para outras oportunidades. Mas, dentre todas as destrezas dele, a que eu achava mais importante era cortar limão nos ares.

— Como, seu Zé?!

— Tenha-se mão. Quem se vexa come cru, e o cachorro, de vexado, nasce de olhos fechados. Não se apresse, que estou com a palavra. Pegava uma faca bem amolada, cortando mosca no ar, como se diz no exagero do reforço, e um limão. Jogava o limão pra cima e cortava o dito, nos ares, em cruz. E aparava os quatro pedaços antes de chegarem ao chão.

— Ainda é vivo?

— Não sei. Se não, que Deus se lembre de sua alma e a tenha em Bom Lugar. Como disse de início, um dia, um dono de circo que passava por aqui tomou conhecimento do caso. Aí procurou entendimento com Salu. Aí Salu foi-se embora com o tal circo, dizendo o povo que ganhando rios de dinheiro. Nunca mais que voltou a esta terra. Naturalmente que ganhou grande fama por este mundo velho todo. Pixiringa velha passou foi anos chorando com a perda do filho. Dizia ele, que para ela, era mesmo que o filho tivesse morrido. E, se já morreu mesmo, que Deus se lembre de sua alma no outro Mundo.

— Conte outra estória, seu Zé!

— Não, que a noite já vai bem avançada. E parece que as mulheres que fazem quarto ali ao defunto, já se adereçam para as rezas, excelências e benditos. Vamos nos aproximando de lá. Olhem! Não disse! Já estão começando a puxar o terço. Paciência, que não nos faltará outra oportunidade de contar pra vocês outras histórias tais e de diversas outras naturezas.

TEMPO DE FARTURA

Naquela noite, a palestra girando só sobre criatório. Especialmente daqueles idos que se vão bem longe na estrada sem fim e sem paradeiro do tempo. Realmente, nem se comparam as fazendas de hoje com as de antigamente. Mas aí alguns dos presentes argumentavam as vantagens atuais. O gado hoje é mais bonito, selecionado. Gado de classe. Mais gordo. As vacas dão muito mais leite que as de outrora, e vira-porque-mexe e tal. Aquilo foi inchando os bofes de Zé Rotinho, o qual ficava por conta quando alguém menosprezava a época de sua mocidade, em qualquer sentido. A medida encheu e derramou. Aí ele cortou a palavra dos demais e entrou de cheio:

— Besteira, meninos! Quero é ver, em qualquer sentido, uma coisa de hoje que apresente superioridade em relação às de outrora. Salvo apenas essas estroengas que naquelas épocas nem havia, como carro, avião e outras que naqueles tempos nem se falava. E nem nessas vejo nada para tanta pabulagem, que só servem para mortandade de gente. Verdadeiras máquinas fabricantes de defuntos. Vocês falam em gado com tanta gabolice, que quem não é antigo na estrada como eu sou, acredita. Onde que hoje há gado como nas eras do passado?! Nem em quantidade, nem em qualidade. Ainda mais que o gadinho de hoje é fraco e mequetrefe. Vive às custas de rações, chupando o olho do dono, que a despesa é uma coisa sem limite. Sai a peso de ouro. Não há cabimento de explicação o que o criador gasta com um bezerro até ele ficar boi erado. Todo o tempo na ração e no remédio de farmácia, do veterinário. Sai por uma usina, uma rês. Por isso mesmo, pobre hoje não pode comer carne, de tão cara.

— Mas seu Zé, é gado de classe — zebu, guzerá, gir, holandês, nelore, (. . .). Gado pesado. Bom de corte e bom de leite.

— Não vejo nada! Só preço. Só carestia! Quando acaba, que que vocês

pensam? ! . . . Antigamente, o gado era criado aí no campo livre. Nos campos gerais. Gado famoso, meninos! Cansei de ver boi erado pesar 15 quilos de chã-d'anca. Façam as contas. O tanto de quilos de chã-d'anca de uma rês é o mesmo de arrobas de carne. Façam as contas, por favor!

— Quer dizer que havia boi de 750 quilos?

— Quer dizer não, havia. E o velho meu pai dizia que nos tempos da mocidade dele era sem comparação melhor. E era desse mesmo gado que vocês hoje xingam de pé-duro e não dão o menor valor. Não resta dúvida que também havia outras raças, como turina, malabá. Entretanto, com pouca diferença. Mais ou menos do mesmo formato. Gadão bonito, meninos! E sadio. Todo o tempo gordo, chega fazia aquela bola de gordura, do tamanho duma laranja, no vazio. Não resta dúvida que, vez por outra, aparecia uma mazela qualquer, como: morrinha comum, morrinha-do-quarto-inchado, carbúnculo, broca e outras. Mas aquilo não chegava nem a empestar o rebanho. Dava-se logo jeito com mezinha mesmo do mato. Quanto à magreza, só mesmo em ano de crise de seca, que aí é outra conversa. Mesmo assim, o “refligério” estava aí mesmo no campo. Ração de caroços de algodão, mandacaru, xiquexique, facheiro, rabo-de-raposa, coroa-de-frade, feijão-bravo, juazeiro e tal. O que mais dava mesmo prejuízo aos criadores era onça e cobra, especialmente cascavel. Isto porque até os animais ferozes e venenosos naqueles tempos eram mais ferozes e mais venenosos que os de hoje. Mas fartura de boca cheia havia. Carne, leite, coalhada, requeijão, manteiga e o mais, nem se fala. Tempo de fartura largado. Por isto mesmo, deixou de herança aquele prolóquio: amarrava-se cachorro com lingüiça. E eu acrescento: e ele não comia porque tinha nojo. Fazendeiros de amansarem de 500 a 1.000 bezerros por ano, não se contavam por estas redondezas. Queria só que vocês vissem o tanto de boiadas tiradas por ano daqui para outros Estados. E a quantidade de bois em cada uma? Só de 500 pra lá. E só se tirava boiada de setembro a dezembro, quando o gado estava caindo das carnes. Isto é, quando não mais estava tão gordo. Nos fins-d'água, por exemplo, com dois ou três dias de viagem, o gado não agüentava mais o rojão. Já estava estropiado devido o peso por causa da gordura. Ainda mais que cansava mesmo, chega ficava de língua de fora.

— Seu Zé, e as vacas davam muito leite?

— Ah! . . . Nisto nem se fala! As de hoje estão mas é muito longe de se compararem com as de outrora. Cansei de ver delas dando de 30 a 40 litros de leite só de uma esgotada. Por aí você tome tento e faça a comparação.

— 40 litros, seu Zé!?

— Pra não exagerar. Lá em casa mesmo havia muitas e muitas assim. Mas, de todas, acho que a mais afamada neste sentido foi a Oncinha. Vaca bonita aquela. E mansa. Eu era menino e gostava de andar montado ne-

la pelo terreiro, pelo pátio da fazenda. Cirigada. Daí o nome de Oncinha. Famosa. Só que não era tão grande. Parideira que só ela. Doze crias. E todas fêmeas. Criou fama. Foi a vaca mais leiteira que se viu por essas cercanias de lonjuras por aqueles tempos. Pelos Dias-Grandes da Semana Santa, meu pai costumava dar leite a toda a vizinhança pobre, para o jejum. Bem entendido: na véspera, que outrora não se tirava leite na Quinta-Feira-Maior e Sexta-Feira da Paixão. Pois um dia, um dos que iam receber leite, se não me engano Miguel Tatu, tirou de seus cuidados pra medir o leite da Oncinha. Sabem quanto deu? 72 litros e um caneco.

– Tudo isso!?

– Pra não exagerar. De outra feita, aconteceu uma interessante. Um parente nosso, que morava um tanto afastado, o Zeca Sapoti, dormiu lá em casa. Pela manhã, foi ajudar ao velho meu pai e os demais na tiragem de leite das vacas. Quando em certa oportunidade, deu de sorte cair pra ele a Oncinha. Encheu a cuia e foi despejar no pote. Outra cuia. Mais outra. Outra mais. E assim por diante. Quando ouvimos, foi ele alarmando que a vaca tinha caído. Na certa, lá no dizer dele, que ela estava doente. Aí meu pai verificou logo de que se tratava. O homem tirou leite de apenas dois peitos, e do mesmo lado, da vaca. O úbere daquele lado foi secando, o leite do outro lado pesou, e a vaca virou tombando de vez. Aí foi preciso esvaziar o lado cheio, pra ela poder se levantar.

– Sendo assim, o senhor tem razão.

– E não era assim, melhor que o de hoje, apenas o gado *vocum*, como chamam os homens sabidos. Era qualquer outro animal do mato ou de criatório – cavalo, bode, carneiro, porco, cachorro, onça, tatu, tamanduá, (. . .). Tudo mesmo. Em nada a fartura de hoje chega ao menos aos pés da de ontem. Tudo era bom e com fartura, naqueles tempos tranquilos que se foram para nunca mais.

TERRA RICA

— Muitas vezes vocês se admiram de casos que narro de meus tempos de menino e mocidade. E com inteira razão. Por isso mesmo, nunca me dou por achado no sentido de ofendido. Hoje tudo é vasqueiro. Façam o cálculo se vocês ouvissessem o que o velho Passarinho contava do Amazonas. Se deu que ele demorou por lá uns tempos, naquelas épocas da folia da maniçoba, coisa de 1910 a 1912. Lá sim, se vê coisa de espantar qualquer cristão em cima da terra. Diz que a mata é um verdadeiro despropósito. De tão grande, tem começo mas não tem fim. Cada árvore de 100 a 200 metros lambendo as alturas dos ares nas nuvens. Para melhor explicação, contava ele (ou conta se ainda batendo as pestanas, que não sei se ainda vivo com as graças de Deus) que um dia “empleitou” com um certo patrão a derruba de um pau pra o fabrico de canoas. Pois ele mais três companheiros “banzeiraram” 15 dias na tal empresa. Um de cada lado, e nem um ouvia o tom do machado do outro. Por aí façam um cálculo de como as matas de lá. E diz que em animais, pássaros, peixes e tudo o mais, a mesma disformidade. Certa ocasião, estava ele num barracão de maniçoba. Coisa de 8 horas da manhã, o sol turvou-se como se entre nuvens. Mas nuvem não havia naquela ocasião. Todo mundo se alvoroçou sem saber de que se tratava, pensando mesmo ser mesmo coisa de fim de mundo. Alguns atribuíram tratar-se de eclipse. Outros observaram ao contrário, uma vez que na noite anterior a Lua havia sido cheia.

— E que que tem isto?

— Já vi que de experiência da vida vocês não entendem nada, não enxergam um palmo além do nariz. Aliás, outro dia expliquei isto pra vocês. Só há eclipse na Lua noite de lua cheia, e no Sol, dia de lua nova. Pois bem. Aquela escuridão como se coisa do turvar no anoitecer. Quando clareou, já o Sol lambendo bem as alturas do pino do meio-dia no céu. Depois foi que souberam de que se tratava. Um tal de Pássaro-Grande que vez por outra

passava por lá. Tem termo uma coisa dessas?!

— É. . . Tem termo mesmo não.

— Não ria, que não se trata de brincadeira!

— Não estou dizendo nada, seu Zé. Ninguém aqui duvida da palavra do senhor.

— Pois sim. De outro feita, diz que descia, com uns companheiros, de canoa, um tal de rio Mamoré. Quando viram, aquele monstro pau preto estendido na margem. Uma tal de sucuriú-gigante, conhecida também por boiúna, quentando sol. Viajaram duas horas da ponta do rabo pra cabeça do monstro.

— Tudo isso?!

— Apenas isso, porque iam a favor da correnteza, rio abaixo. Se ao contrário, viajariam meio dia. E assim diz que os demais animais por aquelas paragens. Tatu tão grande, de fornecer almoço pra 20 homens no barracão, e ainda salgavam carne. Onças. . . nem se fala! De engulir um homem sem mastigar. Cobras de toda diversidade. E perigosas. Uma apelidada de cobra-cheirosa, venenosa que só ela. E com mais um porém. Magnetismo nos olhos. A gente sente o cheiro dela de longe. Aí procura desvio pra todo lado e não há jeito. Termina por sair em cima dela. Outra esquisita é a chamada cobra-de-vidro. Também de veneno apurado. E, quando a gente bate a vara nela, ela se espedaça toda, que ficam só os cacos. E quando um caco daqueles chegar a ferir o camaradinho, este pode se entregar a Deus, que não escapa nem por milagre.

— Nem que tenha o corpo fechado?

— Aí é outra coisa, que quem tem o corpo fechado de nascença, não morre de veneno de cobra nenhuma. Mas diz que a mais venenosa de todas as cobras de lá é a surucucu-de-fogo. Jogando o bote no sujeito, é tiro e queda. Mata até no bafo.

— Como?!

— Jogando o bote na pessoa, mata até sem chegar à mordida. Basta que qualquer parte do corpo do camarada receba o bafo de quando ela abre a boca no lance. O nome é porque ela, quando avista um fogo, corre até lá, chega vem de olhos esbugalhados, que mais parece uma marmota do Inferno. Aquilo no propósito de apagar o fogo. Quando chega, joga o rabo nas labaredas, que é cada tacada que se ouve de longe. Às vezes, consegue apagar, quando se trata de fogo pequeno. Mas, geralmente, morre queimada naquela luta.

— É um tanto diferente mesmo daqui.

— Se é...!? Terra de fartura. Qualquer quintalzinho de lá produz de não haver quem dê vencimento. Milho com espigas de 2 metros, arroz com cacho de 5 palmos, feijão com caroços do tamanho duma sapucaia, cana com 6 metros de comprimento por um de grossura, mandioca com raízes de quase meio quilômetro, mamão com 30 quilos, melancia com 50 ou mais, bananas com 5 palmos e meio. E assim por diante.

— E abóboras, será que maiores que aquelas daquela estória que o senhor nos contou naquela noite?

— Aí não sei. Disso não “indagueia”, e não vou afirmar aquilo que não tenho certeza, que não vi nem me contaram. Só sei é que, se não fossem as feras e índios brados, especialmente um tal de Xavante, seria o melhor lugar do mundo pra gente pobre viver. Não havia nem pobreza no País, que diz que a Amazônia é um mundo sem fim de mata, para quase a metade do Brasil. Rios tão grandes, que até a gente tem a impressão de não terem comprimento; só largura. Deles de se passar quase semana de canoa de um lado a outro.

— E por que o Governo não aproveita essa tal de Amazônia?

— Não sei. Ele que sabe. Pode que um belo dia dê certo.

— Eu mesmo, se tocar de vez, posso ir pra lá ganhar a vida.

— E eu só não vou porque estou nesta idade, descambando a ladeira da vida. Mas gabo seu gosto. Pra vocês terem uma impressão mais segura, em Seca lá diz que nem se fala, porque chove até demais. Todo santo dia chove lá. Aquilo é que é terra! Terra rica, meus filhos, a Amazônia. Pelo que o velho Passarinho do Angico-Branco contava, a maior riqueza do mundo está plantada lá. Diz que o povo das estranhas vive com os olhos deste tamanho em cima da Amazônia, se babando da pura inveja. Caso um dia seja cultivada, ninguém mais passará a menor necessidade neste Brasilão que Deus nos deu em tão boa hora. E ainda fica um mundo de fartura se desperdiçando, tenho certeza. Se eu fosse contar tudo que o velho Passarinho narrava, a gente passava noites e noites sem pregar pestana. Terra rica. Terra rica de boca cheia.

PRIMEIRO SEM SEGUNDO

— Já que estão vocês falando sobre homem atirador, vou aqui recordando alguns casos do Zé Pigó. Sobre o dito, já vimos outras casos que vocês bem devem se lembrar. Para o lado de caçadas, mulher nenhuma outra por estas redondezas sentou em tamborete furado e soprou garrafa pra parir cabra mais macho. Dizia o povo que ele sabia tudo o quanto de rezas-fortes e demais ciências para dominação dos mistérios. Mistérios das matas. Naquele dia do Caipora, que contei uma noite dessas, vocês mesmos viram como que foi. Quem fazia o que ele fazia, não era possível que andasse desacompanhado. Aquilo só podia mesmo se tratar de força-emprestada. Conhecia a fundo e dominava todos os mistérios de fantasias, gnomos, trasgos, avantesmas, marmotas e demais assombrações da Natureza. Como já disse e repito, já até narrei pra vocês algumas façanhas dele neste sentido. Mas isto não vem ao caso, que o tom da palestra aqui é outro. Pois bem. Atirador de primeira qualidade. Nem mesmo ao menos perto dele existiu outro por aqui. Fazia fitas, que até mais pareciam pauta com o Capiroto, ou qualquer outra força estranha. Pra vocês tomarem melhor conhecimento do que ora afirmo, começo pela primeira proeza que ele fez em minha presença. Um dia, eu voltava com ele da casa do negro velho Américo, aquele rezador velho afamado de vocês já conhecido através de minhas informações. Aliás, o povo comentava que as rezas-fortes que Pigó sabia foram ensinadas pelo velho Américo. Isto, porém, não afirmo, porque mesmo não tenho certeza. Pois bem. Assim num pequeno charco, ou melhor, num alagoado, coisa de umas 10 marrecas caneleiras. Conduzia ele na ocasião um revólver. Pente cheio, 6 balas. Aí combinou comigo. Por trás de umas carnaubeiras novas, rastejando, tomou chegada às cujas sobreditas marrecas. Quando tomou posição no ponto visado, assobiou. Aí eu gritei e as marrecas voaram duma vez, piando. Ele suspendeu o braço e amolegou o dedo no gatilho — tá, tá, tá, tá, tá, tá. Seis tiros. Pois justamente, seis das ditas marrecas desceram, chega vinham de asas murchas no rumo do chão. Eu me admirei da proeza e ele disse, achando graça: “apenas acertar não é nada, vá ver!” Vi mesmo.

Vi, e fiquei pasmado. Todas seis com balaço na cabeça, entrando num olho e saindo no outro. E daí por diante, assisti mas foi um ror de brincadeiras dele neste sentido. Vou aqui contando pra vocês apenas algumas. Mandava a gente jogar um limão azedo pra cima. Suspendia o braço e atirava. O limão se espatifava nos ares. Ficava dentro de casa de frente pra uma janela aberta. Mandava uma pessoa, por fora, jogar uma laranja pra passar pela janela. Bastava que no momento que a pessoa jogasse a laranja gritasse, pra dar o aviso. Atirava e a laranja se espedaçava ali mesmo.

— Sendo assim, era mesmo bom atirador.

— Com laranja e limão, não era nada. Até com caroço de milho. Cansei de jogar caroço de milho pra ele fazer a tal brincadeira. Não errava um tiro. Verdade que não se via mais o dito caroço. Mas aí é que está a prova que acertava mesmo. Na certa que o caroço se esfarelava nos ares. Doutra feita, com um bem-te-vi. Pousado e cantando no olho duma mangueira, lá naquelas alturas. Ele atirou. O bichinho desceu rodando. Mas a bala atingiu apenas a ponta do bico. Vai Pigó e diz: “Foi só por brincadeira. Morre não. Caiu só porque se desequilibrou do soco da bala. Deixe o bichinho ir-se embora!” Duvidei. Achei que o balaço pegou só na ponta do bico por obra do acaso. Como duvidei, Zé Pigó disse: “Vou lhe mostrar como não foi acaso. Vamos tirar a prova dos nove fora.” Pois assim na frente, um pica-pau pedrês, desses do bico grande e curvo, furando um coqueiro lá em cima. Também desceu rodando do mesmo jeito. Também atingido só na ponta do bico. E vejam que o tal coqueiro era alto pra danar. Desses de cem anos pra lá. Nem soltei o pica-pau, como fiz com o bem-te-vi. Besteira de minha parte. Não sei nem onde eu estava com a cabeça naquela hora. Ora, um pássaro que fura até aroeira! No dia seguinte, a gaiola era o lugar mais vazio. Cortou as talas e foi-se embora.

— Garanto como atirava bem mesmo, esse tal de Zé Pigó.

— Se atirava. . .!? Em caso de dúvida, se algum de vocês duvidar pretenda, pode perguntar a qualquer velho dessas vizinhanças.

(O estudante Nonatinho Fonseca):

— Ninguém duvida, seu Zé. Todos sabemos que sua palavra é um tiro seguro de verdade, e que Zé Pigó era mesmo bom na pontaria.

— Obrigado, pela parte que me toca. Daquele jeito, estou por ver outro ao menos imitando. Acertava tiro até em agulha. Colocava-se uma agulha enfiada num pau e, duma distância de uns 10 ou 20 metros, ele atirava. Ficava só um toquinho enfiado na madeira. Não vamos nem mais adiante, que seria um nunca-acabar a narração de suas bravuras em tiros.

— Mas era só de revólver?

— Muito pelo contrário! De espingarda, rifle, besta, bodoque, bacamarte.

Com qualquer arma. Até de funda. Para final de conversa, cortava até linha fina, linha 60. Amarrava-se uma linha de um pau para outro e, duma distância de 20 metros, atirava. E, pelo menos que seja de meu conhecimento, nunca que errou um tiro em tais brincadeiras. Que parecia coisa de força emprestada, lá isto parecia. Quanto mais principalmente a gente atinando que, daquelas distâncias, a gente não via nem agulha, nem linha. Ele mesmo dizia que, em casos tais, atirava só no rumo. Mesmo assim. . . Ainda mais outra bramura dele que agora me lembrei, que ia me esquecendo. Em troncos de árvores, deles até finos, atirava e acertava sem enxergar. De olhos vendados, com um pano amarrado no rosto. Encostava as costas na árvore e saía caminhando, bem devagar, e contando os passos na bruta calma — um, dois, três, (. . .). Até 20 ou 30. Aí virava-se e apertava o dedo no gatilho do revólver.

— E acertava?

— Não é nem pergunta! Nunca que errou um tiro sequer. Pois acertava direitinho. Até num alvo marcado na árvore, não errava. Tanta confiança tinha em sua pontaria, que só uma proeza nunca fez, e essa mesma porque nunca encontrou uma pessoa que tivesse coragem de aceitar a proposta. Esta uma era atirar numa laranja, ou num limão, na cabeça duma pessoa. Como já disse, vou encerrar por qui, mas narrando ainda uma. Atirava em boca de garrafa, a bala passava e saía lá no fundo.

— Dava bom para trabalhar em circo.

— Justamente!!! Na certa que o que levou Salu, se tivesse tomado conhecimento, teria levado Pigó também. Aquele era mesmo de verdade bom na pontaria. Primeiro sem segundo atirador nesta terra nossa.

CAÇADAS DE ABELHA

Como de sempre, aquela palestra nutrida na ponta do terreiro. Luar claro que nem dia, chega prateando a mata. Conversa vai, conversa vem, quando alguém apontou sobre caçadas de abelha. Aí o velho, aproveitando a deixa, pegou corda e entrou por aqui assim:

— Em matéria de abelha, meus caros, hoje nem bem ligo, que só me traz recordações e saudades. Saudade daqueles tempos idos sem comparação mil ou mais vezes melhores que os de agora. Tenho até pena dos que hoje tiram de seus cuidados afazeres outros para caçadas de abelha. Às vezes, o dia todo na mata, para regresso à tardinha com, quando muito, uma minguada cabacinha de mel. Abelhazinhas choradas que não pagam a pena do trabalho. Produtos de recompensa propriamente dita, nem de longe pra consolo. Queria só que vocês vissem como havia e como eram abelhas neste chão naqueles tempos. Tanto em quantidade, como sabiam mesmo fabricar mesmo mel de verdade. Em parte, tomando-se tenência no assunto, até que com inteira razão a diferença. Como sabemos, as matas hoje estão se acabando. O homem vive a destruir tudo numa tal maneira, que até dou graças a Deus já estar velho, pra não ver tão triste fim. Pois bem. É de flores que a abelha fabrica seu mel. E hoje já não mais existem aquelas matas frondosas e fechadas que conheci nos meus idos e já tem distantes tempos de meninice e mocidade. As nossas matas aqui eram uma verdadeira beleza, que por gosto a gente podia olhar. Quando do meado de setembro para outubro, por exemplo, quando os paus-d'arco floravam, toda a mata ficava bordada de amarelo, roxo e branco. Um verdadeiro altar da Natureza.

— Pau-d'arco de flor branca, seu Zé?!

— Justamente. É que hoje, como tudo vai mesmo se acabando, se vê um ou outro pra remédio por aqui. Pau-d'arco de flor branca, também chamado de carapina — pau-d'arco-carapina. Entendeu?

— Entendi.

— E, quando passava a época da flor do pau-d'arco, vinha o cascudo, a umburana, embiriba, aroeira, baraúna, angico, pereiro, mocó, umbuzeiro, marmeleiro e assim por diante. De modo que nunca faltava abelha gorda nestas quebradas nossas. E vivente inteligente por arte não sei de quê. Duma organização que nem gente, quando ao modo de viver e trabalhar. Até chefes têm. Por exemplo, todas rendendo obediência à chamada abelha-mestra, mãe da colmeia. Diz que trabalham divididas em turmas. umas vão buscar as flores para a casa, outras fabricando o samburá, outras fazendo o mel e tal. Já outras formando o exército de guarda e proteção ao enxame e à Rainha. Destas (do exército) sempre uma de plantão na portinha da casa. Se por acaso chega abelha estranha e tenta entrar, a que está na porta se atraca com ela em luta. E, na mesma da hora, já outra está na porta rendendo plantão. Se vem outra tentando invadir, esta segunda se atraca com ela e, imediatamente, já tem uma terceira na porta.

— Com quem o senhor aprendeu tanta coisa?

— Com Mestre Cambute. E coisa mais bonita eu sei é da organização das formigas.

— Será que seja verdade?

— Por acaso, você tenciona duvidar de minha palavra? ! Se é assim, o assunto está encerrado aqui mesmo, que não sou homem de histórias-furadas, nem lorotas, nem tampouco articulações.

— Não, seu Zé. . . Eu quero dizer é que pode ser invenção do povo.

— O povo aumenta, meu filho, mas não inventa. Ainda mais é que você pode tirar algumas provas disto a qualquer momento. Quando encontrar uma abelha, pode observar que, a qualquer hora do dia ou da noite, naquele pequeno furo da porta, tem a cabeça de uma. Pois esta uma é a guarda. Mas, começo a falar que nem papagaio em areia quente e já vou passando do aceiro do assunto que de começo me veio na pretensão. Abelha, naqueles tempos, dava mel como quê. Certa vez, fui tirar uma tataíra numa aroeira velha desta grossurona. Volta atrás. Um brado, e não tataíra. Quando passei o machado na aspa da dita aroeira, verifiquei logo tratar-se de abelha farta e rendosa. Uma lasquinha de nada de madeira, que o resto era só oco. Eu andava com o Germiniano, meu sobrinho. Aquele que no ano passado morreu de sucesso em campo. (Que Deus o tenha em Bom Lugar.) Mandei logo que ele fosse lá em casa arranjar vasilhame para o mel. Horas depois, voltava ele com outras pessoas trazendo dois jumentos com cargas de ancoretas, três latas daquelas que vinham com querosene e não me lembro mais quantas cabaças, cuias e litros. Coisa de pelas 10 horas da manhã. E eu com todo aquele pessoal na labuta. Deu meio-dia. Comemos mel, tomamos um fôlego e novamente nos passamos para o banheiro. Sol

cambaiou, e nós pegados que nem doido comendo milho assado, no serviço. Já coisa de pelas ave-merias, foi que chegamos ao final da labuta. Pra resumo de história, em casa, passamos a medir aquela melança toda. 135 litros e uma garrafa. Isto afora o mel que se comeu lá no mato. Mande mel de presente para todas as casas dos vizinhos. No sábado, na feira dos Picos, apurei 55 mil e 500 réis. E note que naqueles tempos tudo era barato, uma vez que o dinheiro tinha mesmo valor de verdade. Passamos não me lembro nem quantos meses comendo mel. Até os meninos enjoaram de tanta doçura sem termo. Isto apenas um exemplo que estou dando pra vocês. Não quero com isto, de maneira alguma, dizer que tirei a abelha mais farta de nossas cercanias. Mais gorda que a dita, encontrava-se às carradas por estas redondezas.

— Mas, gorda assim só brabo?

— Nem sempre. Não resta dúvida que brabo, manso e abelha-branca são as mais rendosas. Mas, de um modo relativo, toda e qualquer espécie de abelha produzia bastante mel. Tanto essas, como jandaíra, munduri, jati, tiúba, cupira, mandaçaia, sanharó, enxu, enxuí, uruçú, etc. e tal.

— Pelo dito, o senhor tem inteira razão. As coisas do tempo passado eram melhores que as de hoje.

— Se tenho. . . Se eram! . . . Só vivo este saldo de vida que me resta, meu caro, porque cumpro a vontade de Deus. Se Ele determinou que eu vivesse muito, vou por aqui, aos trancos e barrancos, escapando com meus 83 janeiros nos couros. Mas não me dá nem gosto. Tudo hoje é escasso que nem garupa de jumento. A qualquer hora que o Todo-Poderoso determinar o meu fim, estou pronto para fazer minha viagem-sem-frito. Tempo bom foi o passado, meus filhos. Ali sim. . . dava gosto a gente viver, porque se vivia mesmo de verdade.

GATA SABIDA

— Conte uma estória, seu Zé!

— Hoje não me encontro em minha veia de conversas. Mas, já que você me pede, vou contar apenas uma. Como vocês sabem, animais domesticados e inteligentes, temos visto muitos por aqui. Especialmente animais de casa, como cachorro, gato e tal.

— Papagaio também.

— Deste nem se fala. Uma noite destas, até contei pra vocês as sabedorias de um de nome Salviano, lá de casa, herança de meu avô. Como aquele, acho que não nasceu outro aqui por perto, e em lugar nenhum do mundo. Também falei de uma ema que criei, a qual atendia pelo nome de Beliza. Mas vamos cortar o assunto, que vou falar de uma gata que minha vó por parte de mãe criou. Minha vó Generosa, pelo povo conhecida por Dona Gené. Obra do acaso, aquela gata. Vinda não se soube de onde. Apareceu no terreiro da casa de meu avô Quitério. Magra que nem cachorro de cego ou anum-branco. Só aquele graveto! Para onde o vento dava, lá se ia ela, de tão fraca e maneira. Naquele miadinho sumido, que parecia vindo de baixo do chão.

— Ao menos sequer calculava-se de onde ela veio?

— Não. Naturalmente duma derrama de gatos. O povo do interior tinha a mania de botar gato fora. Perversidade. Quando tocava de sorte muitos gatos numa casa, e não aparecia pretendente, jogavam os bichinhos no mato. Colocavam todos num saco e se iam para o centro da chapada. Lá soltavam os ditos. Perversidade.

— Neste caso, melhor que os matassem.

— Mas é que quem mata gato tem dez anos de atraso em sua prosperidade e em seus negócios. Como ia dizendo. Naturalmente que duma derrama de gatos aquela veio se ter na casa de meu avô. E teve sorte. Foi logo que a Dindinha (como por seus netos tratada) tomou afeição à bichinha. No mesmo dia, já estava batizada por Xandoca. Em matéria de gato (ou gata), estou por ver outro (ou outra) com tamanha capacidade de compreensão. A meu ver, porém, cabe mais o elogio à velha. Até certos pontos, não admiro o animal bruto aprender determinadas coisas. Admiro mais a capacidade da pessoa que ensina ao animal fazer aquilo. E isto Dindinha (que Deus a tenha em Bom Lugar) sabia com perfeição. Todo bicho criado por ela era bem domesticado. A Xandoca só faltava mesmo falar. Aliás, gato, naqueles miados dele, especialmente na ocasião do amor, tem hora que mais parece falando. Pois bem. Pela manhãzinha, Xandoca entrava no quarto, levantava a mão direita e miava tal como se pedindo a benção à velha. Aquele miadinho fino: “hen-en-en-ça.” Dindinha respondia: “Deus te abençoe, minha filha!” Ela saía. Ia-se ter na cozinha, onde Tia Cesária se encontrava. Aí miava, como se dizendo direitinho: “lei-ei-ei-te!” E mais: já vinha com a latinha dela nos dentes. Tia Cesária botava o leite na lata. Ela tomava o leite. Depois levava a lata pro cantinho dela no quarto da despensa. Na hora do almoço, Dindinha (ou Tia Cesária) dizia: “Xandoca, venha comer!” Lá se vinha ela com sua latinha. E assim por diante. Antes dela, não havia quem agüentasse a peste de ratos nos paióis de legumes. Pois acabou com tudo. E parecia adivinhar. Daí por diante, bastava a invasão de um rato num paiol, ela sentia. Ou adivinhava, ou tinha faro como cachorro. Quando menos se esperava, lá se estava ela batendo na porta do quarto dos paióis e miando como se dizendo: “ra-a-to!” A gente abria a porta e ela entrava. Dali a pouco, lá se vinha com um guabiru nos dentes. Botava o dito ali na sala. A Dindinha dizia: “ponha isto fora, Xandoca!” Ela pegava o rato nos dentes novamente e se ia com ele lá para o meio da roça. O terreiro da casa de meu avô, onde as mulheres sopravam arroz, vivia repleto de rolinhas catando. Rolinhas-pedrês, sangue-de-boi, branca, de-capim, cafofa. A Dindinha gostava daquilo e dizia que aquelas rolinhas eram dela. Um dia, vai Xandoca e mata, se não me engano, duas sangues-de-boi. A velha não gostou. Esfregou as ditas na cara de Xandoca e passou-lhe uma preleção à altura. Pronto! Ficou até amiga das rolinhas, brincando com elas no terreiro. Um dia, um gavião-de-fumaça vinha perseguindo uma rolinha fogo-pagou. A coitada entrou em casa. E ele atrás. A rolinha bateu numa parede e se estendeu lá no meio da sala. Aí o gavião abaixou em cima dela, pra fazer seu frito. Antes de pegar a rolinha, porém, Xandoca já estava enrolada com ele. Briga feia, meus amigos. O gavião de unhas e bico na Xandoca, e Xandoca de dentes e unhas nele. Chega o peneiro voava! Mas, no final, ela levou vantagem. Matou o gavião. Só que a pobrezinha ficou toda arranhada das unhas do peste. Aí a velha tratou logo de socorro lavando aqueles ferimentos com água-de-sal. A velha perguntava: “está doendo?” Xandoca batia com a cabeça dizendo que sim. “Está arrependida?” Xandoca batia com a cabeça dizendo que não. Às vezes, por brincadeira, a velha dizia: “eu vou dar a Xandoca para Fulano.” Para quê? ! Era logo que ela começava naquele miado como se chorando: “não-an-an!” e

abraçando e cheirando as pernas da velha. Uma coisa de dar pena, aquela cena. Era mesmo de causar admiração a sabedoria daquela gata. Se Dindinha dizia: "Xandoca!", ela respondia: "hen-en-en!" Uma das muitas delas que mais chamou atenção de todo mundo, foi quando pariu. Minha vó acamou-se com sarampo. Xandoca estava prenha. E pariu por aqueles dias. Pela manhã do dia seguinte, como de sempre, entrou no quarto e pediu bênção à velha. Vai Dindinha e, em tom de constrangida, diz: "não sei quando vou ver meus netinhos filhos da Xandoca!"

— Adivinhem o que ela fez!

— Ninguém sabe. Diga!

— Saiu. Eram cinco gatinhos. Dali a pouco, voltava com um dos ditos nos dentes. Aproximou-se. Passou o gatinho para os braços e pôs o mesmo em cima da cama. A velha alisou o bichinho, com afago. Xandoca saiu com ele. Voltou com outro. A mesma coisa. E assim, com todos os cinco. Depois voltou só. Em brincadeira, a velha perguntou a ela se tinha outro. Bateu com a cabeça dizendo que não. Aliás, tudo que a velha lhe perguntava, ela respondia balançando a cabeça — sim ou não. E, quando chamava por ela, respondia: "hen-en-en-en!"

— Era bonita?

— Uma lindeza de gata! Rajada. Nem grande, nem pequena. Tipo médio. Pêlo fino, gorda, que era uma beleza de encantar. E sabida daquele jeito, nunca se viu outra (ou outro). Se chegava uma pessoa e dizia: "ô de casa!" ela respondia: "hen-en-en-en!" E mais: ia até à varanda e voltava. Se a velha lhe perguntasse se era homem, ela batia com a cabeça dizendo sim ou não. E nunca que errou uma vez. Daí é que eu digo: gato sabido como Xandoca de minha Vó Gené, estou por ver outro.

CURURU CAÇADOR

- Seu Zé, nunca que o senhor contou estórias de alma para a gente.
- Mas sei de infinidade delas. A questão é que essas outras que sempre conto tomam todo o tempo de folga da gente. Mas não faltará oportunidade.
- De almas que o senhor viu.
- Tanto vistas por mim, como por outras pessoas. Mas vamos deixar tais para outro dia. Hoje, eu quero falar pra vocês é sobre um cururu de estimação que criei.
- Cururu de estimação. . .!?
- Pra que tanto espanto? A gente pode ter apego a qualquer vivente. Depende da condição, dos motivos, da ocasião e da oportunidade. Já não digo nem só vivente. Às vezes a qualquer objeto, às vezes até uma pedra. Eu não conheço é quem não tenha apego e amizade a certos e determinados objetos seus. Começo logo dizendo que minha amizade ao tal cururu começou por uma perversidade que fiz com a mãe dele.
- E o senhor sabe diferenciar o cururu macho para a fêmea?
- Por que não!? O macho tem o couro da barriga um tanto para amarelado e todo cheio de carocinhos. Já a fêmea tem o couro da barriga mais claro e liso. Pois bem. Perversidade. Mas vamos dizer, com inteira razão de minha parte. Vingando a morte de um bezerro. Eu era menino. Certa tarde, brincando no terreiro com Chichico, Caitano, Manuel e Crispim, meus irmãos e outros. Passou pulando um cururu-tei-tei, deste tamanho. Aliás, fêmea. Mas vamos mesmo daqui por diante dizer mesmo só cururu, pra não chafurdar o sentido da conversa. Vai um bezerro e cheira o dito.

No dia seguinte, o bezerro amanheceu achacado do mal-triste. Não houve mezinha que desse jeito. Remédios meu pai lhe deu, até água com sumo de quinaquina, e de quebra-faca. Mesmo que água do pote! Então o velho disse que na certa aquele bezerro tinha cheirado cururu.

— E bezerro cheirando cururu adoece?

— Não é só adoece, morre. Aí nós contamos para o velho que vimos quando o dito bezerro cheirou um cururu bem umas três vezes. Ali mesmo recebemos ordem para a morte do sapão. Aí eu, que sempre fui um menino encapetado, calculei logo como fazer o serviço. Na tarde seguinte, apareceu no terreiro. Botei uns pedaços de ferro no fogo. Quando os mesmos vermelhos que nem brasas, joguei pra ele. (Aquilo eu já sabia por informação, mas nunca que tinha experimentado.) Engoliu todos três. Deu apenas uns dois pulos, os ditos pedaços de ferro saíram pela barriga do coitado. Morreu. No dia seguinte, pela manhã, em cima do cururu velho morto, estava um cururuzinho. Numa tristeza de dar pena. Fechava assim os olhinhos, como se pensando numa coisa incerta no destino. Aí eu senti que aquilo era tristeza por causa da morte da mãe. Fiquei cortado de pena do coitadinho. E fiz logo, de mim para mim, um compromisso de honra de criar aquele curuzinho. Levei o bichinho pra casa. Minha mãe pulou logo bem acolá contra aquele meu propósito, lá no seu dizer, sem cabimento. Como com menino “estripulento” ninguém pode, matutei logo um meio. Pus o dito dentro numa gaiola. Coloquei a gaiola lá no brejo, na beira do riacho, dentro numa reboleira de capim verde. Todo santo dia, eu levava comida pra ele — grilos, baratas, cascudos e mais. Cresceu depressa. Com coisa de poucos meses, um cururuzão deste tamanho. Macho. De uma coisa, tirei logo a certeza: todo vivente tem compreensão. Até cururu. E também todo vivente gosta de carinho, amizade. Até cururu! Botei-lhe o nome de Zulu. Pois quando eu me aproximava do local, chamando por ele, ficava na maior satisfação pulando dentro da gaiola.

— E água, ele não bebia?

— Sapo não bebe.

— Sapo não bebe água?!

— De tudo vocês se admiram. Vão me desculpando: ô povo besta, este povo de hoje! Não sabe nada das coisas da Natureza. E é porque o Governo dá escola de graça para todo mundo. O Mobral está aí mesmo com tendas escolares montadas em todas as bibocas de sertão. Pois sapo não bebe água. É mesmo que vivim.

— Quer dizer que vivim também não bebe água?

— Ô minha Nossa Senhora! Ô povo que não sabe de nada este povo moderno! Meu filho, vá para o Mobral! Além de escola, o Governo dá até

livro. Vinvim não bebe água. Pode botar um na gaiola e pode passar a vida toda sem pôr água pra ele. E tem mais um porém: enquanto ele está brabo na gaiola, se você botar água, ele bebe mas morre. Fica aguado, inchado, e morre.

— Está aí! . . . Desta eu não sabia.

— Pois fique sabendo. Mas o sapo é diferente. Não bebe água pela boca, mas bebe por todos os poros do corpo. Daí todo dia eu dava uns bons mergulhos na gaiola com Zulu. Tempos depois, soltei o Zulu. Mas a amizade continuou. Sempre que eu chegava lá, não sabia nem onde ele se encontrava socado naquele capinzal. Chegava e gritava: Zulu! Daí a pouco, lá se vinha ele saltando que mais saltando no meu rumo, no maior contentamento. Vinha se ter a meus pés. Eu andava o cercado todo e ele ali atrás de mim. Nunca que deixou de me acompanhar até à ponta do terreiro. Depois, meu pai, minha mãe e meus irmãos tomaram conhecimento do caso. E terminaram gostando de Zulu. Tal boato espalhou-se, que vinha gente e mais gente de toda a vizinhança, para constatação do caso de perto. Íamos para a roça. Lá, gritavam por Zulu à toda. E nem sinal. Depois eu chamava: Zulu! Lá se vinha ele vindo pulando que mais pulando até aos meus pés. E me acompanhava até na ponta do terreiro.

— Impressiona!

— Impressionava mesmo. Muitos já diziam que eu sabia era de reza-forte. Pois bem. Certo dia, andava eu pela chapada, fazendo não me lembro o quê. Vi uma rolinha numa galha de pau, abrindo as asas e pendendo pra um lado e pra outro, como se tonta. Dali a pouco, caiu. Então, me aproximei, pra verificar de que se tratava. Estava um cururu, que era um “bitelo” comendo a rolinha. Aquilo me impressionou. Fiquei encafinhado. Doutra feita, a mesma coisa com uma pomba-de-bando. Quando foi um dia, narrei as ditas ocorrências para Mestre Cambute. Então ele me explicou que é porque sapo tem um magnetismo tremendo nos olhos. Hipnotiza qualquer animal pequeno que fite bem nos olhos dele. Aí pensei com meus botões: vou caçar com meu Zulu.

— Caçar com um cururu?!

— Tenha-se mão, que estou com a palavra e vou encostar o recado até o fim. Fui caçar com o Zulu. E deu certo. Só que eu fazia tudo em segredo, às escondidas. Saía de casa com uma espingarda, para passarinhar. Passava no brejo. Chamava Zulu e ele vinha. Colocava Zulu numa gaiola e saía. Lá adiante, na beira duma lagoa, subia num pau-d’arco, ou numa umburana (ou qualquer outra árvore alta) onde mais pousava os pássaros que vinham, à tardinha, beber água ali. Lá, colocava a gaiola e descia. Escondia-me por trás duma moite, ou mesmo debaixo de uma espera, que ainda era melhor. (Vamos supor que fosse em tempo de asa-branca.) Chegava um bando delas. Pousavam. E ficavam ali olhando para a gaiola. Dali a pouco, iam

abrindo as asas, balançando o corpo e se amolecendo, como se tontas. Era logo que começavam a cair. E eu pegando de uma por uma e quebrando-lhe o pescoço. Só numa tarde, matava dezenas e dezenas delas. Pombas-de-bando, que sempre andam em grupos maiores, caíam aos montes. Só numa tarde, por exemplo, matei 230 pombas-de-bando e 48 asas-brancas verdadeiras.

— Tudo isto!?

— E se mais não matava, porque não queria. Quando via que já estava passando da medida, ia-me embora. Quando em tempo de jacu, codorniz, seriema, nambu e outras aves que andam mais pelo chão, eu colocava a gaiola do Zulu na beira-d'água. A mesma coisa. O certo foi que, eu ainda apenas rapazinho, ganhei fama de o maior caçador de espingarda de nossas cercanias. Fama falsa, que só eu sabia de que se tratava. Mas nunca que disse a ninguém. Nunca disse a ninguém que minha arte de caçar estava com Zulu.

— Só pela vaidade de ser tido com um caçador de fama!?

— Nunca tive vaidade na vida. Tanto que umas tantas coisas eu fazia com perfeição, como já contei pra vocês algumas. Mas aquilo não me envaidecia. Para mim, era uma coisa natural. Nunca me julguei superior a ninguém. Se não contava o segredo meu e de meu cururu pra ninguém, era só por uma coisa. Aí todo mundo aqui por perto, e mais, ia se meter a criar cururu e acabavam com tudo o quanto de pássaros. Agora, uma coisa interessante vou dizer pra vocês aqui. Eu temia um belo dia ser descoberto. Temia isto porque, nas centenas e mais centenas de pássaros mortos que eu trazia, não vinha nem um com ferimentos de chumbo. Tudo só com o pescoço quebrado. Cuidado eu tinha demais. Sempre só chegava em casa à noitinha. Mesmo assim, era fácil de darem por elas. Entretanto, além do tratamento das caças à noite, eram as mulheres quem se empenhavam naquele serviço. E mulher não tem tino na cabeça para essas coisas. Nunca que notaram aquilo.

— Garanto como é mesmo interessante um caso destes.

— Eu conhecia até o canto dele. Durante a noite, era aquela serenata bonita de sapos cantando no brejo, especialmente no inverno. Mas o canto dele era diferente de todos. Um canto grosso e cheio. Era eu deitado na rede e ouvindo o canto do meu Zulu lá para o lado do brejo.

— Como que esse seu cururu morreu?

— Não sei. Só sei que, ainda hoje, quando ouço um cururu cantando grosso dentro da noite, só me lembro dele. Chega me vem aquela saudade cheia de meus tempos de mocidade. Viveu bem uns 10 anos. Ou mais! Já eu era rapaz refeito, quando ele desapareceu. Só que um dia cheguei no

brejo, chamei por Zulu e ele não veio. Gritei, que fiquei rouco. Nem sinal! Na certa que morto por uma cobra grande, ou outro animal qualquer. Chorei de pena. E não era para menos, porque eu queria mesmo bem a meu cururu e ele gostava mesmo de mim. E, lá em casa, foi uma tristeza geral em todo mundo. Minha mãe e meus irmãos, tudo chorando. Só não chorou o velho meu pai. Mas ficou sentido. E muito sentido mesmo. Não era para menos. Na realidade, era um cururu de estimação de todo o pessoal de nossa casa.

FÔLEGO DE SETE GATOS

— Quem vê vocês falando em natação, pensa que sabem mesmo nadar de verdade.

— O senhor já nos viu nadando, para dizer isto? Eu, pelo menos, sei nadar, seu Zé.

— Besteira, menino! Nadinho besta, talvez que até o chamado nado-de-cachorro, que fica para mulher e criança. Nadar com arte, fama e renome dobrado, era o velhinho aqui quando novo. Tirei o ranço de muitos nadadores afamados. Vou contar pra vocês apenas uma das sem conta infucas que fiz por estes arredores todos. Certo dia, eu estava em Jenipapo, hoje cidade com o nome de Itainópolis, na casa do famoso fazendeiro Bernardo do Zundão. Passava por lá uma Semana Santa. Invernão cerrado aquele. O rio Itaim estava apoiando de tão cheio, passando por cima das ribanceiras e engulhando por aquelas várzeas todas. Semana Santa animada aquela. Não sei quantas moças e rapazes. No Sábado d'Aleluia fomos tomar banho no rio.

— Rapazes e moças?

— Mulher naqueles tempos se dava a respeito. Não eram como as de hoje que se banham misturadas com os homens. Mas vamos para a frente. Foi aquela brincadeira nadando de uma para outra margem do rio. Aí nos deliberamos a uma boa tirada de nado, para ver quem fazia mais bonito e mostrava mais ação. Acertamos que seria um trajeto contra a correnteza, rio acima. Percurso com coisa de seus quatro quilômetros.

— Quatro quilômetros?!

— Só de ida. Mas a brincadeira era para ir e voltar.

— Contra a correnteza da água?!

— Claro que só de ida. De volta, claro que a favor. Mas, como gosto de deixar a explicação bem clara, não era, não era bem pelo espinhaço da correnteza a nossa jornada. Assim um tanto ao quanto de lado. Entretanto, água funda, de encobrir um homem de braços para cima. E saímos. Cinco, comigo. Foi logo que os quatro me perderam de vista. E me larguei n'água mundo afora, até que cheguei no ponto determinado. Saí. Assim perto, uma roça com um partido de bananeiras. Cada cacho chega a ponta do mangará arrastava no chão. Bananas amarelinhas, que eram uma beleza de tão maduras. Cada banana deste tamanho, com mais de dois palmos.

— Banana-comprida, farta-guloso?

— Não. Banana-maçã.

— Com mais de dois palmos?!

— Porventura, você quer comparar as bananas de outrora com as babaninhas de hoje?!

— Não estou dizendo nada. Não está mais aqui quem falou. Vá me desculpando, que não estou dizendo nada.

— Mas disse. Pois continuando. Como o dito sítio era de propriedade do velho Bernardo Zundão, não banquei acanhamento. Passei-me para as ditas bananas. Comi umas tantas. E nada de os companheiros chegarem. Esperei por eles mais um pouco. Aí maldei: os cabras me passaram um calote. Na certa que queriam só me experimentar. Joguei braços n'água novamente e me fui. Aí, em favor da correnteza, ia brincando. Quando mais ou menos pelo meio do trajeto, me encontrei com eles. Coitados! Já vinham bambos. Cansados que só peba no sol quente. Aí desistiram. Saíram d'água e voltaram caminhando. Quando chegaram no ponto de onde saímos, já eu de velho estava ali esperando por eles.

— Assim nadava mesmo de verdade.

— Pois os tais companheiros remaram vergonha na cuia grande.

— Eita velho macho!

— Velho não, que naqueles tempos eu era novo.

— Mas é sempre o senhor.

— Não. . . meus filhos. Eu hoje não sou aquele que fui, de maneira alguma.

— Mas eu acho que o senhor mostraria ainda qualquer bravura neste sentido.

– De maneira alguma! Carreira de velho é “choto”, meus filhos. E, se nadava bem, mergulhava melhor. Diz o povo que gato tem 7 fôlegos e mulher têm fôlego por 7 gatos. E meus colegas brincavam comigo dizendo que eu tinha fôlego por 7 mulheres. Exagero por parte deles. Não chegava a tanto. Mas, que eu era dotado de um fôlego fora do comum, lá isto era. Certo dia, eu e outros tomávamos banho no Riacho Jatobá, ali na Sabambaiá. Aí veio aquela brincadeira de, mergulhado, encher um litro. Éramos cinco – eu, Zé Patiló, Miguel Tatu, Compadre Macabeu e Zé Sapoti. Miguel Tatu chegou a encher cinco litros. Os demais, apenas um litro. E saíram esbaforidos de tão cansados. Fiquei por último. Sabem quantos litros enchi de um fôlego? Digam!

– Uns 10.

– Bote litros nisto! 49.

– Garanto como era um monte de garrafas.

– Garrafa não, litro.

– Pois vá lá que seja. Um monte de litros.

– Só dois. A gente mergulhava com o litro. Quando ele deixava de borbulhar, a gente suspendia o braço. Os de fora recebiam aquele e entregavam o outro, que estava vazio. Pois bem. Vamos ver mais só um caso. Vocês conhecem bem o chamado Açude Velho do Riachão.

– Conhecemos.

– Quantos mais ou menos vocês dão de metros de largura a ele?

– Uns 300. Uns 300 metros de largura, que ele é grande mas só tem mais comprimento.

– Eu acho que dá muito mais de 300 metros. Mas deixo por 300 mesmo. Está certo?

– Está.

– Então vamos ao caso. Um dia, mergulhado, atravessei aquele açude velho três vezes de ida e volta. Façam a conta!

– 600 metros.

– Está errado! Veja bem que foram três vezes de ida e três ditas de volta.

– Ah! . . . 1.200 metros.

- Aí eu aceito. 1.200 metros, de um fôlego. E não saí tão cansado.
- Sei que hoje o senhor não faria as mesmas proezas. Mas podia mostrar para nós algumas bravuras.
- Que nada! Não sou mais homem para tais façanhas. Carreira de velho é "choto". Estou na base daquele prolóquio:
- Quem te vê, e quem te viu!

LUDGERO DEFUNTO-LAVADO

Tempo de farinhada. Desmancha animada na casa do velho Galdino do Angico-Branco. À noitinha, quase todo o pessoal se botava pra lá. Muita gente. Aquela animação gostosa. Luar claro. O serviço andando dentro da própria diversão. Dois cabras bons nos veios da roda, outro na banca de caitutu cevando, chega as tariscas zinindo nas raízes de mandioca. Naquelas raízes que por elas (tariscas) passavam se triturando. Lá adiante, outro sujeito espremendo massa na prensa. Outro acolá pegado no rodo, mexando a farinha. Mulheres raspando raízes com aqueles cotocos de faca, outras espremendo tapioca, outras fazendo beijus. E aqueles que entravam em horas de folga, na ponta do terreiro naquela palestra sadia. A certa altura das conversas que iam e conversas que vinham, alguém tomou deliberação de puxar por Zé Rotinho:

- Um dia desses, o senhor disse que, quando tocasse de sorte, ia nos contar algumas coisas sobre Lobisomem.
- E se quiserem ouvir, está na hora.
- Pois vamos ver!
- Vocês de hoje não dão crença a casos de tal natureza. Mas, que tais marmotas existem, existem.

(O estudante tomou a palavra):

- *Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay.*
- O Nonatinho já vem com o seu “inguilês”.
- Castelhana, seu Zé. A mesma coisa que o senhor acabou de dizer. Eu

não acredito em bruxas, porém que elas existem, existem.

— Pois bem. Lobisomen existe e não significa nada mais e nada menos que castigo. Castigo de Deus contra os homens que vivem em má vida, ferindo a Religião e sem o menor decoro.

— Quer dizer que as mulheres não sofrem tais castigos?

— Também. A mesma coisa. Só que, ao invés de Lobisomen, vira Mula-Sem-Cabeça. Meu pai contava um caso impressionante, caso que ele viu de perto. Na antiguidade, no tempo do Carrancismo. Tanto tempo faz, que ele era ainda rapazote. E, se hoje fosse vivo, contava seus 120 anos. Dizia ele que o sujeito do tal caso atendia pelo nome de Ludgero Defunto-Lavado. Aliás, atendia não é bem o caso, pois ficava furioso, e caía no aço, quando tratado por tal apelido.

— Defunto-Lavado?!

— Não pergunte admirando, que você bem sabe que não sou homem de mentiras, nem de brincadeiras com gente moça. Nem tampouco de deboche. Defunto-Lavado, de tão ruim que era. Não valia o peso da própria sombra. Ruim que nem falta-de-fôlego ou sal-amargo em jejum. Diz que um dia adoeceu, não sei de quê. O certo foi que deu ordem a morrer. Meteram a vela na mão dele, até que se esticou. Tal e qual um defunto, sem a menor diferença. Aí, como é do natural, banharam o defunto e vestiram um terno nele. O caixão já estava pronto, e tudo mais. Ficou o defunto ali na sala. E o povo na sentinela. Quando coisa de para o dia raiando, alguém observou que o defunto mexeu com uma perna. Foi aquele alvoroço. Uns acreditando, outros dizendo que era impressão, que aquilo não passava de cochilo de tanto sono e coisa e lousa. Momentos depois, de repente, Ludgero se mexeu mesmo e se sentou no caixão. Aí foi aquele alvoroço de todo mundo correndo de porta afora numa gritaria desadorada. Diz que para mais de 50 pessoas na sentinela, e só um homem ficou na sala. Este um, se não me falha a memória, de nome Urbano. Caçador velho afamado, que se gabava que nunca encontrara fantasia que lhe metesse sobrosso em cima do chão.

— E o defunto?

— Espere aí!... Meu pai contava tal acontecido. Mas a verdade, meus amigos, era que o homem não havia morrido de verdade. Diz que ainda viveu muitos anos dali pra frente. Aliás, terminou a vida sem morrer.

— Sem morrer?!

— Estou com a palavra. Sem morrer mesmo. Desapareceu. Tomou chá de sumiço dum dia para uma noite (ou melhor: de uma noite para um dia), e

até hoje. E é de se notar que, naqueles tempos, não havia essa facilidade de a pessoa estar aqui hoje e amanhã lá no fim-do-mundo. Carro não existia em parte nenhuma da terra, quanto mais avião.

— Mas o senhor começou a conversa falando em Lobisomem e mudou pra outro rumo, parece que bem diferente.

— Diferente de maneira alguma. Tenha-se mão! Neste mesmo rumo, já vou saindo lá. Lobisomem existe. Virado de homem que vive em má vida, amancebado. Diz que especialmente quando amancebado com uma comadre, ou parenta próxima. De 7 em 7 sextas-feiras, meia-noite, nas horas mortas, ele se levanta e vai direto a um espejeiro de jumento. Lá chegando, tira a roupa. Aí se deita no espejeiro e se rola 3 vezes pra lá e 3 pra cá. Quando se levanta, é transformado naquele bicho feio. E logo bate pé no mundo e, antes de amanhecer o dia, percorre 7 províncias, e em cada uma visitando 7 cidades, 7 patamares de igreja, 7 cemitérios, 7 catacumbas, 7 açougues e 7 encruzilhadas. Depois volta. Deita-se no mesmo espejeiro e rola 3 vezes pra lá e 3 pra cá. Vira gente de novo, mas ainda dormindo. Apanha a roupa que está pelo avesso. Desavessa e veste a roupa. Diz que nem o próprio vê se andou virando Lobisomem durante a noite. No dia seguinte sabe mais ou menos do ocorrido, porque está com o corpo todo doído da jornada. E mesmo, se lembra que teve horrorosos pesadelos durante a noite.

— E é marmota perigosa mesmo?

— E muito! De todas, talvez que a principal marmota de nossas cercanias, ou mesmo do mundo. Mas não atravessa água corrente. A pessoa que se encontra correndo perseguida por um Lobisomem, tendo a sorte de atravessar qualquer riacho, pode se despreocupar, porque daquele está livre. Também diz que, em luta, fazendo-se qualquer ferimento nele que derrame ao menos uma gota de sangue, vira gente na mesma da hora. E, a partir dali, não vira Lobisomem mais nunca. Mas vamos para frente. Meu pai contava. Ludgero Defunto-Lavado vivia em má vida. Amancebado com uma comadre viúva e suas três filhas.

— Amancebado com três filhas dele?!

— Não. Com três filhas da dita comadre com o finado seu marido. Uma das ditas afilhada dele, de batismo. Isto ali no Bocolô. Fazia vida com a comadre e as três filhas dela, abertamente. Só que nunca tiveram filhos. Deus sabe bem o que faz. Deus não dá asas a serpente. Se filhos tivessem, capaz de nascerem monstros, especialmente com a afilhada de batismo. Pois bem. Então deu de aparecer um Lobisomem por aquelas quebradas. Diz que foram muitas e muitas as pessoas que com ele se toparam nas horas mortas, meia-noite em ponto. Assombrou muita gente, que não foi brincadeira. Um bicho feio. Horrroso. Diz que mais ou menos do tamanho de um jumento novo. Cabeludo, chega os cabelos arrastavam no chão.

Olhos vermelhos que nem duas brasas, que davam para a gente enxergar bem aqueles dentes brancos seus. Orelhas do tamanho de um abano e moles, que faziam aquela zoadada feia quando ele corria. Chegou ao ponto de ninguém por aquelas quebradas do Bocolô ter coragem de arredar o pé de casa durante a noite. Mesmo assim, ainda fazendo assombrações. Diz que, de quando e vez, noite adentro, lá pelas horas-do-sossego, ouviam-se aqueles esturros medonhos. Esturros que não podiam ser coisa deste mundo. Aí já se sabia que era o Ludgero Defunto-Lavado perambulando em suas andanças de marmotagens. Esturros de qualquer um, mesmo dentro de casa, ficar de cabelos arrepiados, de tanto medo.

— Que coisa horrorosa!

— Pois não! E assim se foi, durante muito tempo, até que um belo e feliz dia o homem desapareceu. Foi um Deus-nos-acuda, apesar de, além de suas quatro mulheres, ninguém ter propriamente amizade a ele. Juntou gente, que não foi brincadeira, na procura do homem. Dia e noite, todo o pessoal daqueles arredores na empresa. Remexeram e reviraram tudo o quanto de bibocas. Andaram por tudo quanto de chapadas, brocotós de serras, morros e mais. Mesmo que nada! Não ficou riacho, nem açude, nem furnas e locas de pedras que não escarafunchassem. Nem o menor sinal de vida do homem! Nem rasto sequer. Com licença da palavra! virou bufa de alma.

— Faz muito tempo?

— Pelo dito no começo, há uns 100 ou mais anos. Veja que, como já disse, meu pai era rapazinho e, se vivo fosse, contaria hoje seus 120 janeiros. Há uns 100 anos. E até hoje! Mas, como o tempo se encarrega de ir desvendando aos poucos tais mistérios, até que se chega a uma conclusão. E foi o que se deu. Chegou-se a uma conclusão bem fatível. Meu pai (que Deus o tenha em Bom Lugar), contava. Suposição do povo, mas coisa bem no rumo, que de outra maneira não havia mesmo de ser. O pai da dita viúva e avô das filhas dela, fazendeiro velho rico e conceituado, tramou a cilada. E deu certo. Foi na cara que nem papeira, justo só ilhós nos dedos. Foi na cara que nem papeira. O dito velho não se dava com ele. Inimigos sangue a fogo. E com inteira razão, que um procedimento daqueles não era para menos. Procedimento de clamar o Céu e a Terra. Amancebado com sua (dele velho) filha e suas três netas. E não era coisa de se dizer escondida. Abertamente. Morando juntos, na maior harmonia. Pois o pai da dita viúva falou com o velho Urbano e conchamblaram a tramóia. Apalavraram tudo direitinho e acertaram os pontos. E pago bem pago, que o pai e avô das mulheres de Ludgero Defunto-Lavado era homem de recurso farto. Dono de fazendas e mais fazendas e exibindo até patente de Coronel da Guarda Nacional. Então o velho Urbano, que não tinha medo de marmota nenhuma em cima do chão, como vocês viram ali atrás na noite que o defunto “enveveceu”, se prontificou para a “empleitada”. Pois o velho Urbano foi e cumpriu o trato pelo risco.

em
les,
de
de
ue,
ue-
Aí
an-
asa,

— Matou Ludgero Defunto-Lavado?

— Que matou, que nada!

— Não entendi.

— Mas vai já entender. Ficou de guarda-faz. Numa das tais sextas-feiras, Ludgero Defunto-Lavado saiu de casa às caladas da noite. Urbano velho, que estava de tocaia, saiu atrás dele. Quando ele virou Lobisomem e bateu pé no mundo, Urbano pegou e desavessou a roupa. Pois fazendo assim, o Lobisomem vira o chamado Lobisomem-Penado e nunca mais que volta a ser gente. Nem mais também volta a fazer assombrações aos cristãos. Vai para os confins das brenhas e, quando chega o dia que ele havia de morrer como gente, vira alma.

eliz
suas
nte,
soal
o de
nor-
as e
a do

— Alma-penada?

— Não. Alma-penada é outra coisa. Vira alma e viaja para o outro mundo. Passa pelos Borralhos Escaldantes do Purgatório, as Areias Gordas das Profundas e vai se ter no portão de entrada sem saída do Inferno. E por lá fica nos castigos dos Quintos-Ferventes e outros tantos mais. Ainda mais que diz o povo que o maior castigo de lá é o da chamada Cama do Compadre e da Comadre.

O velho Galdino falou por aqui:

isse,
. Há
den-
foi
que
oisa
pai
ado,
ilhós
i ele.
que-
ince-
le se
ois o
nóia.
ago,
n de
te de
nedo
is na
Pois

— Em suma, seu Zé, esse seu Defunto-Lavado era o Atentado do Cinzendo.

— Pois é. A palestra está boa, mas a noite já vai se afundando no rumo da barra do dia. Parece que Miguel Tatu já está tirando a última fornada de farinha. Vamos nos aproximando de nossas choupanas, enquanto há tempo de um resto de soneca na tipóia.

— Boa noite!

— Boa noite!

— (. . .)!

Ministério da Educação e Cultura - MEC
Secretaria de Ensino de 1º e 2º Graus - SEPS
Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL
Departamento de Programas de Educação e Desenvolvimento
Cultural - DEPEC
Divisão do Programa de Desenvolvimento Cultural - DIDEC



Este livro foi premiado no Concurso
MOBRAL de Literatura - Crônicas e
Contos, instituído em 1979.